


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
CAMPUS DE GUARATINGUETÁ

RAPHAEL DIAS SANTANA

Da mitologia ao ensino de ciências: um estudo sobre o ensino e o faz de conta.

Guaratinguetá - SP
2021

Raphael Dias Santana

Da mitologia ao ensino de ciências: um estudo sobre o ensino e o faz de conta.

Trabalho de Graduação apresentado ao Conselho de Curso de Graduação em Física da Faculdade de Engenharia do Campus de Guaratinguetá, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do diploma de Graduação em Física.

Orientador: Prof. Dr. Marco Aurelio Alvarenga Monteiro

Guaratinguetá - SP
2021

Santana, Raphael Dias
S232m Da Mitologia ao ensino de ciências: um estudo sobre o ensino e o faz
de conta / Raphael Dias Santana – Guaratinguetá, 2020.
80 f.: il.
Bibliografia: f. 80

Trabalho de Graduação – Bacharelado em Física – Universidade
Estadual Paulista, Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá, 2020.
Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Alvarenga Monteiro

1. Mitologia. 2. Ciência - Estudo e ensino. 3. Física – Estudo e ensino.
I. Título.

CDU 53

Luciana Máximo

Bibliotecária CRB-8/3595

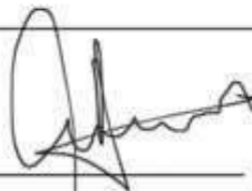
Raphael Dias Santana

ESTE TRABALHO DE GRADUAÇÃO FOI JULGADO ADEQUADO COMO
PARTE DO REQUISITO PARA A OBTENÇÃO DO DIPLOMA DE
"GRADUADO EM NOME DO CURSO"

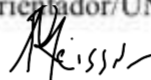
APROVADO EM SUA FORMA FINAL PELO CONSELHO DE CURSO DE
GRADUAÇÃO EM NOME DO CURSO

Prof. Dr. Júlio Mamy Hoff da Silva
Coordenador

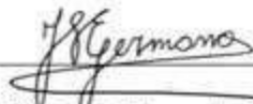
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Marco Aurelio Alvarenga Monteiro
Orientador/UNESP-FEG



Prof. Dr. Rodolfo Meissner Rolando
UNESP-CTIG/FEG



Prof. Dr. José Silvério Edmundo Germano
Membro Externo

Março de 2021

DADOS CURRICULARES

RAPHAEL DIAS SANTANA

NASCIMENTO 19.11.1997 – Guaratinguetá / SP

FILIAÇÃO Marina Conde Malta Dias
Otávio Santana Neto

2016/2021 Graduação (Física Bacharelado)
Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Marco Aurélio Alvarenga Monteiro pelas maravilhosas conversas filosóficas os mais variados assuntos que me inspiraram a chegar nesse trabalho completo.

Ao Luis, Barbara, David, Nath e João pelas ótimas sessões de RPG todas as sextas feiras que me ajudaram a me acalmar nos momentos mais difíceis e a desenvolver minha criatividade para montar este trabalho.

Ao meu amigo Eleasar Marins pela excelente tese de mestrado a qual esse trabalho cita.

Ao Júlio, a Millena, o Heron, o Kaio, Ana, Victor e a Aline pelas tardes que passamos estudando as matérias mais complicadas possíveis e que me ajudaram muito a entender um pouco do eletromagnetismo.

Agradeço ao Ex-presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, pelo exemplo de coragem em provar sua inocência perante a condenação injusta que sofreu, dando um grande exemplo e me dando esperança para seguir a diante mesmo nas horas mais escuras.

Aos meus avós que sempre me apoiaram e aos meus pais, agradeço por tudo o que fizeram para me ajudarem a chegar aonde estou.

“E assim que se alguém assumir por si mesmo a tarefa de fazer a perigosa jornada na escuridão por meio da descida, aos tortuosos caminhos do seu próprio labirinto espiritual, logo se verá numa paisagem de figuras simbólicas: trata-se do processo de dissolução, transcendência ou transmutação das imagens infantis do nosso passado pessoal. Em nossos sonhos, os perigos, gárgulas, provações, auxiliares secretos e guias ainda são encontrados à noite; e podemos ver refletidos, em suas formas, não apenas todo o quadro da nossa presente situação, como também a indicação daquilo que devemos fazer para ser salvos.”

Joseph Campbell

RESUMO

A humanidade vem encontrando formas de interpretar o mundo ao seu redor desde que as primeiras tribos caminharam sobre a terra. Os indícios do surgimento de um pensamento mitológico são tão antigos quanto a existência da espécie humana, mostrando a relação que a Mitologia exerce para a formação do conhecimento, da filosofia, da visão de mundo e até da ciência de uma determinada sociedade. Esse estudo se baseia na leitura de psicólogos, epistemologias e estudiosos da educação, relacionando ao ensino de Ciências e buscando informar e teorizar as maneiras de que como o ensino pode encontrar nas manifestações mitológicas, uma maneira de se renovar e se apresentar. Mostrando a mitologia auxiliava em dar ao indivíduo a sensação de participação em sua tribo, sociedade e na ciência, fazendo-o perceber que ela estava em seu dia a dia e dando a chance de se sentir integrado ao conhecimento que adquire ao invés de torná-lo algo abstrato e distante de sua vida. As teses relativas à educação do século XX, especialmente a de Paulo Freire nos mostram que a participação na criação do conhecimento é uma maneira bastante eficaz de se ensinar.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de ciência. Jung. Campbell. Kuhn. Mitologia. Educação. Paulo Freire.

ABSTRACT

Humanity has been finding ways to interpret the world around it since the first tribes walked on Earth. The evidence for the emergence of a mythological thought is as old as the existence of the human species, showing the relationship that Mythology has for the formation of knowledge, philosophy, worldview and even the science of a certain society. This study, based in reading psychologists, epistemologies, and education scholars, relating to science teaching and seeking to inform and theorize the ways in which teaching can find in mythological manifestations, a way to renew and present itself. Showing mythology helped to give the individual a sense of participation in his tribe, society, and science, making him realize that he was in his daily life and giving him the chance to feel integrated with the knowledge he acquires instead of becoming something abstract and distant from your life. The theses related to education in the 20th century, especially that of Paulo Freire, show us that participation in the creation of knowledge is a highly effective way of teaching.

KEYWORDS: Science teaching. Jung. Campbell. Kuhn. Mythology. Education. Paulo Freire.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Imagem produzida pelo autor, diagrama que representa as diferentes áreas abordadas neste estudo.	23
Figura 2: Imagem produzida pelo autor baseado no desenho da alma que Joseph Campbell fez em uma de suas palestras.	24
Figura 3: Cemitério do final do paleolítico em Jabel Sahaba, Sudão. Todos os corpos estão com as cabeças voltadas em direção ao sol nascente.....	35
Figura 4: Deusa Anatólia, mulher sentada de Çatalhöyük (a cabeça foi restaurada), Museu da civilização anatolia, Ankara, Turquia.	36
Figura 5: Mulher em dois papéis, 6000 a 5500 BC, Museu da civilização anatolia, Ankara, Turquia.	37
Figura 6: Cibele, Mármore romano 50 D.C, Museu das Artes de Los Angeles. Fonte: Cybele Getty Villa 57.AA.19 - Cibele – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)	39
Figura 7: Museu da civilização Anatólia, Ankara, Turquia. Fonte: Catal Hüyük, bull heads - Çatalhöyük - Wikipedia.....	41
Figura 8: Foto tirada de um ritual no Chittaranjan Park, Delhi, 22 de outubro de 2004. Fonte: Ficheiro:S344 durga-idol-golden.png – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org).....	41
Figura 9: Bastão do paleolítico superior, cultura magdaleniana, achada em La Placard, França, mostrando uma relação entre o modelo lunar e uma série de marcas.	42
Figura 10: Venus de Laussel, museu de Bordeaux, França. Fonte: Venus-de-Laussel-vue-generale-noir - Vênus de Laussel – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)	43
Figura 11: Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno.	47
Figura 12: Inscrição do livro dos mortos de Nesitanebtashru, papiro de Greenfield, Museu Britânico.	50
Figura 13: O código de Hamurabi. Museu de história Natural de Nova Iorque, Estados Unidos.	55
Figura 14: Diagrama feito pelo autor.....	57

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	BASES MITOLÓGICAS	13
2.1	A PSICOLOGIA DE JUNG	13
2.2	O ESTUDO DE MITOLOGIA COMPARADA	25
3	COSMOGONIA DAS CIVILIZAÇÕES	33
3.1	A MITOLOGIA E A OBSERVAÇÃO DO AMBIENTE DAS CIVILIZAÇÕES PRIMITIVAS.	33
3.2	A COSMOLOGIA DAS CIVILIZAÇÕES ANTIGAS	46
4	A RAIZ DA FORMA DE SE PENSAR	58
5	O ENSINO	61
5.1	A EPISTEMOLOGIA	61
5.2	O ALUNO COMO PROTAGONISTA NO ENSINO	64
5.3	A MITOLOGIA DO AGORA E A FANTASIA NO ENSINO	70
6	CONCLUSÃO	75
	REFERÊNCIAS	78
	BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	79

1 INTRODUÇÃO

Durante toda uma vida acadêmica, desde os primeiros anos até os últimos da pós-graduação, um aluno revive a mesma estrutura padrão repetida para ele de diversas formas. Ele se senta em uma cadeira da sala de aula, ouve uma explicação, a estuda, vai a uma prova e escreve exatamente o que aprendeu, ou deveria ter aprendido, e seus conhecimentos serão julgados por um número que virá no boletim. A Ciência em geral, com ênfase nas exatas, é ensinada como algo cristalizado, distante do mundo em que ela vive.

Como um conhecimento distante, o aluno não consegue aplicar aquele conhecimento em seu dia a dia, a Ciência é algo que, para ele, está além de sua compreensão e não está presente em tarefas diárias de sua vida. Há uma distância entre ele e o conhecimento que o faz procurar por algo que seja mais próximo

E então ao olhar para fora do meio universitário, vê-se que em pleno século XXI, pessoas se voltam ao obscurantismo em procura de respostas para questões que já foram muito bem respondidas pela Ciência. Não importa quantas provas refutem as hipóteses obscurantistas, é um credo difícil de se quebrar.

Nesse momento a sociedade deve-se questionar onde está a falha? O que levou pessoas em plena era da informação a buscarem crer em teses da conspiração e buscar gurus virtuais que lhes dão informações sem respaldo científico nenhum, tornando tudo uma questão de crença e não de pesquisa e consciência crítica.

Para responder a esse questionamento, é necessário colocar a Ciência dentro do campo social e psicológico, tentar entendê-la como uma ferramenta que molda todo um sistema de estrutura psicológica do indivíduo e do meio onde ele vive, empurrando novas metodologias de ensino que possam tentar quebrar a barreira mental que algumas pessoas fazem à Ciência e o seu questionamento, para que o professor possa entender seu conteúdo, não como algo com um caráter simplesmente técnico, mas algo que invariavelmente irá moldar certas estruturas no aluno e o fará combater certas crenças e conceitos.

A Ciência está em constante transformação, mesmo os modelos que são válidos hoje, amanhã podem ser completamente defasados e ainda assim, haverá resistência contra a mudança por parte da comunidade dentro e fora dos centros acadêmicos. A revolução científica sempre traz consigo antirrevolução, o aluno sempre traz a barreira que precisa ser quebrada para que o novo conhecimento tome forma. Associando esses dois fatos e unindo a um estudo de Psicologia e Mitologia comparada, o foco desse trabalho é entender como o sistema científico se insere na mente de uma pessoa e como molda todo o aspecto de sua

psiquê e ao entendê-lo tentar encontrar métodos de ensinos mais eficazes para essa compreensão.

Para tentar entender a Ciência, o trabalho irá retornar ao lugar onde alguns julgariam mais improvável para encontrar explicações a ela, a Mitologia. Durante toda a história os mitos foram a fonte de inspiração de estruturas sociais inteiras, inclusive alicerces de nossa própria cultura ocidental, guiando a vida, de uma forma ou de outra, da maioria das pessoas ao redor do globo. Dessa união entre o estudo de Psicologia, Mitologia e Ciência, podemos tentar entender algo além do ensino tradicional, que possa dar a um professor ou a um estudioso o entendimento de como seu curso de ciências pode impactar o aluno e como tentar fazer isso de uma maneira que o aluno possa entender o conteúdo que esteja sendo ensinado.

A Ciência, através dos tempos foi ensinada pelos mitos, para uma pessoa, o mundo lhe é apresentado para as crianças na forma das histórias que as contamos e os filmes, os livros, as fantasias nos passam mensagens de uma forma dinâmica que conversa conosco em todas as faces da Psicologia humana. A Ciência que nos apegamos e acreditamos é mais do que uma mera informação que nosso cérebro gasta, ela está intimamente ligada a tudo o que cremos e nos baseamos e entender e trabalhar sobre isso deve ser um dever para qualquer um que queira garantir que as futuras gerações não cedam ao obscurantismo e desvalorizem a Ciência.

Este trabalho se destina principalmente a mostrar a influência do mito nas concepções científicas assim como mostrar a influência da Ciência nas concepções mitológicas, passando por diversas áreas de conhecimento. No primeiro tópico, será estudada a psicologia de Jung, justificando a escolha dela como base para seguir com esse trabalho, mostrando seu surgimento e comparando-a com a psicologia de Freud e Adler. Ainda nesse tópico, será abordada a tese da mitologia comparada apresentada por Joseph Campbell que por sua vez é baseada na concepção junguiana.

No segundo tópico do trabalho será abordada a cosmogonia e cosmologia das civilizações, realizando uma análise histórica e mitológica sobre como as sociedades mais antigas se organizavam e relacionando-a com os estudos de Joseph Campbell. No terceiro tópico, será estudada como a sociedade humana desenvolveu sua forma de pensamento até chegar na maneira atual.

O quarto tópico apresentará as visões científicas, no campo da epistemologia e relacionando-as com as visões mitológicas e a própria visão de Jung. No quinto tópico serão apresentadas as teorias de ensino e no último tópico as considerações finais do trabalho.

2 BASES MITOLÓGICAS

2.1 A PSICOLOGIA DE JUNG

O foco da parte psicológica deste estudo será a Psicologia de Jung. A escolha se justifica no fato de que o psiquiatra suíço é o que lida com a mitologia de forma mais abrangente. É dele a base que levará a criação das teses de Mitologia comparada que ficaram conhecidas durante o século XX, as fontes desse trabalho.

Ao criar a Psicologia analítica, Jung tomou inspirações diretas nas mitologias espalhadas pelo mundo e no estudo deste trabalho, a Mitologia e religião terão um papel fundamental e para entendê-la, faz-se necessário entender conceitos básicos da psique humana categorizados pelos psicólogos desde o início do século XX.

Freud foi o primeiro a tentar explicar a origem dos diferentes mitos na sociedade, o foco de sua psicologia estava no entendimento de que o ser humano procura satisfazer desejos em sua vida. Esses desejos ou impulsos são reprimidos pelo pai, mãe ou qualquer um responsável por impor a disciplina social imposta. Consequente essas pessoas se tornam agentes da ordem social e esses desejos são enterrados no subconsciente.

Ou seja, tem-se a “fórmula freudiana”, por assim dizer, com o desejo vem a proibição. E esses desejos e proibições são acumulados no subconsciente e vão se “somando” e para a influenciar os aspectos conscientes da vida do indivíduo em particular, criando uma tensão. Esses desejos rejeitados acabam sendo projetados a um objeto, situação ou pessoa externa que pode não ter nenhuma ligação com o momento de rejeição do desejo.

Para o psicanalista, há certos estágios de maturação da “psicosexualidade” individual, e quando um desses estágios não é muito bem desenvolvido por um ou outro motivo, gera um tipo diferente de fixação e neurose associada.

O primeiro a se desassociar de Freud foi Alfred Adler. Ele vai discordar do psicanalista pois irá afirmar que não são os impulsos sexuais e sim o desejo por poder e superioridade. Essa superioridade, para o psicólogo seria a busca por um sentido completude.

O maior problema na infância para Adler é que a criança não sabe o que quer e possui uma certa imponência quanto ao que pode fazer. Então não é bem uma proibição, mas sim uma sensação de fracasso. Diferentemente de ter uma colisão com um certo aspecto social, como diria Freud, há uma falha na possibilidade de realizar algo.

Para Adler, se os pais de uma criança a mantêm nesse estágio de não o fazer entender o que quer, gera uma certa “progressão” dessa situação em que o indivíduo vai se sentir

extremamente imponente, o que o levará a uma necessidade de super compensação, isto é o que ele irá chamar de “Complexo de Inferioridade”. O indivíduo passará sua vida tentando se provar porque lhe deram a ideia em sua infância de que ele não era capaz de fazê-lo, e não importa em que campo esse indivíduo esteja, se no campo social ou dentro de uma situação sexual, ele quererá se provar de uma forma ou de outra.

“Entre os psicólogos, a primeira objeção à teoria de Freud não partiu de Jung, mas de Alfred Adler, que disse que o principal impulso do indivíduo não é o sexo, mas a vontade de poder. Imagine: a criança pequena está em grande desvantagem perante os pais. Está na frente desses dois gigantes, mas ainda assim precisa manifestar suas intensões; ela tem de aprender a persuadir ou assustar os pais, ou outro jeito qualquer para levá-los a fazer a sua vontade.” (Campbell, 2008, pg. 89)

Vale ressaltar que ambos, Jung e Adler, rompem com Freud devido as desavenças na crença do motivador primário da psicologia, já que ambos negavam que os desejos sexuais reprimidos eram esse motor primário da consciência individual e ambos negavam o determinismo freudiano que acreditava que seu caráter infantil decidiria sua conduta por toda a sua vida.

Jung reconhece que ambos os casos citados acontecem dentro da psicologia individual. Ele não irá negar nem a abordagem freudiana e nem a abordagem adleriana, mas irá agregá-las. Para ele, certos indivíduos que tiveram muitas frustrações relacionadas ao caráter do que ela consegue fazer, isso a torna uma pessoa dirigida a necessidade de acumular poder e tentar se provar. Enquanto uma pessoa do outro lado pode acabar entrando num certo estágio de frustração sexual e se mostrando como um exemplo do caso freudiano.

Para o psiquiatra, a função do indivíduo em sua vida é procurar um certo equilíbrio entre certos aspectos da personalidade, chamados de tipos psicológicos. Esses tipos psicológicos são aspectos diferentes de personalidade presentes em todos os indivíduos. Inicialmente ele dividirá em dois tipos, o extrovertido foca sua energia psíquica (libido) nos corpos externos a ele próprio, indo confiante de encontro ao objeto, esse tipo de indivíduo tende a se adaptar mais rápido a circunstâncias externas. Para Jung, é justamente esse tipo de indivíduo que será o modelo representado pela psicologia freudiana.

Enquanto isso, o introvertido é aquele que direciona sua energia para seu mundo interno, dando atenção principal em suas emoções, impressões e pensamentos. Sua orientação é aos fatores internos suscitados pelos fatos externos. Esse seria um exemplo típico de alguém que seria o modelo dentro da psicologia adleriana.

“Jung estudou-os com particular atenção, pois intrigava-o que os mesmos fenômenos psíquicos fossem vistos e compreendidos tão diferentemente por homens de ciência, cada um de seu lado, honestamente convencido de haver descoberto a verdade única. Exemplo de escolha é o caso Freud-Adler. Freud valoriza sobretudo o objeto. O homem é um feixe de pulsões em busca de objetos amáveis e sua meta seria, não fosse a repressão imposta pela sociedade, a expansão livre dos instintos até a obtenção dos objetos desejados, os quais são fontes de prazer em si mesmos, por suas qualidades específicas. Muito diversa é a relação do homem com o objeto, segundo Adler. Antes de tudo ele busca segurança pessoal e afirmação de sua vontade de poder. A ênfase recai aqui sobre o sujeito. Quando se sente inferiorizado, o homem adleriano “protesta”. Seu esforço dirigir-se-á no sentido de quebrar os laços com objetos que o cerceiam opressivamente a fim de conseguir sobre estes a supremacia anelada. Na opinião de Jung as duas concepções são válidas. Apenas são unilaterais. A vontade de poder não exclui Eros e reciprocamente. Acontece é que cada psicólogo vê a vida psíquica através de seu próprio tipo psicológico: Freud, na qualidade de extrovertido, dando prevalência ao objeto; Adler, como introvertido, valorizando sobretudo o sujeito. “A filosofia crítica ajudou a discernir o caráter subjetivo de profissão de fé de toda psicologia, e igualmente da minha”, disse Jung”. (Silveira, 1981 pg. 45)

Para Jung, ninguém é exclusivamente extrovertido ou introvertido. Todos têm ambos os aspectos dentro de si, a extroversão cochila dentro de um introvertido e vice-versa. E para ele, o sentido todo estava em tentar encontrar um certo equilíbrio.

“Na extroversão a libido flui sem embaraços ao encontro do objeto. Na introversão a libido recua diante do objeto, pois este parece ter sempre em si algo de ameaçador que afeta intensamente o indivíduo. Mas, em movimento de compensação, uma corrente energética inconsciente retrocede para o sujeito na extroversão e, na introversão, um fluxo de energia inconsciente está constantemente emprestando energia ao objeto. Portanto, vista em seu conjunto, verifica-se na circulação da libido, um movimento inconsciente de introversão naqueles cuja personalidade consciente é extrovertida, e um movimento inconsciente de extroversão naqueles cuja personalidade consciente é introvertida. Extroversão e introversão são ambas atitudes normais. Claro que a introversão em grau exagerado tornar-se-á patológica, do mesmo modo que a extroversão excessiva será também característica de estado mórbido.” (Silveira, 1981, pg. 44)

Algumas crises ocorrem quando o indivíduo acaba “gastando” sua energia psíquica priorizando bastante um lado de sua psicologia sobre o outro. Ele acaba numa situação em que precisa agir com seu lado menos desenvolvido e não consegue por conta de nunca ter conseguido trabalhar com ele antes.

“Em algumas pessoas — talvez em razão de relações na infância —, a tensão se manifesta na luta pelo poder individual, caso em que a vida sexual assume uma posição secundária. Esse tipo de pessoa, orientada primordialmente para o poder, está sempre perguntando: “Como estou indo? Estou conseguindo?” Jung chama-a de introvertida. O significado por ele atribuído a essa palavra é um tanto diferente do seu uso comum. Jung define o introvertido como uma pessoa orientada para o poder que pretende impor sua imagem interna de como as coisas devem ser. A pessoa orientada para o sexo, por outro lado, volta-se para fora. Apaixonar-se significa perder-se em outro objeto. Jung chama essa pessoa de extrovertido. Porém, diz ele, todo indivíduo é as duas coisas, com ênfase em uma ou em outra. Se a

ênfase do indivíduo é de 60% no campo do poder, será de apenas 40% no campo de Eros.

Quando você depara com uma situação em que sua orientação normal não serve, não o leva adiante, você é reconduzido para o impulso secundário. Então essa posição inferior vem à tona. A característica da personalidade inferior é a compulsão — você não consegue se controlar, a voz estremece, você cora, fica irado etc. Você se descontrola; o caráter inferior predomina. Ele é mais primitivo que o lado desenvolvido da sua personalidade.” (Campbell, 2008 pg. 90)

Se o indivíduo passar sua vida toda desbalanceado, outra crise irá surgir quando ele estiver na segunda metade de sua vida. Sua libido, energia psíquica, que foi toda gasta em função de um único objetivo, sendo ele o Eros ou o poder, acaba se voltando para a sua personalidade oposta. Um homem que passou a vida toda procurando poder (podendo ser representado na forma de dinheiro, um bom emprego, uma vida dita como socialmente digna), irá um certo dia ver que aquilo não valeu a pena, seja porque ele conseguiu ou porque viu que isso seria impossível de alcançar, irá ter libido sobrando que ele irá “gastar” em seu Eros, e tentará satisfazer os prazeres e desejos da personalidade oposta, do extrovertido. Isso vale para a situação inversa. (Campbell, 2008)

Jung notou também que haveria mais de um tipo de introvertido e extrovertido. Ele disse que essas diferenças se dão às funções que um indivíduo usa preferentemente para adaptar-se ao mundo exterior.

“São quatro estas funções de adaptação, espécie de quatro pontos cardeais que a consciência usa para fazer o reconhecimento do mundo exterior e orientar-se: sensação, pensamento, sentimento e intuição. A sensação constata a presença das coisas que nos cercam e é responsável pela adaptação do indivíduo à realidade objetiva. O pensamento esclarece o que significam os objetos... Julga, classifica, discrimina uma coisa da outra. O sentimento faz a estimativa dos objetos. Decide do valor que têm para nós. Estabelece julgamentos como o pensamento, mas a sua lógica é toda diferente. É a lógica do coração. A intuição é uma percepção via inconsciente. É apreensão da atmosfera onde se movem os objetos, de onde vêm e qual o possível curso de seu desenvolvimento.” (Silveira, 1981 pg. 46)

Todos os seres humanos possuem essas quatro funções dentro de si. Uma delas, que é chamada de função principal, é sempre a mais consciente e desenvolvida que as outras três. Como no caso da dualidade extrovertido/introvertido, o ideal é que tenha um certo equilíbrio entre as funções, pois um grande desbalanceamento entre essas quatro funções pode acabar sendo a causa de uma neurose. (Silveira, 1981) (Campbell, 2008)

As funções que são remissivas, escondidas e não trabalham, contaminam o inconsciente e irão governar todos os momentos de neurose de um indivíduo. Será como uma criatura faminta tentando fugir de uma gaiola querendo fazer parte da psique do indivíduo.

A partir dessas teses Jung parte para uma análise social das diferentes mitologias e filosofias. E delas ele vai construir o seu “modelo” para tentar compreender a psique humana baseada nessa ideia de equilíbrio entre esses diferentes aspectos da psicologia pessoal.

Jung começa a estudar mitologias e religiões pelo mundo e começa a partir, também, de outros estudos sociológicos que surgiam na época começa a formular a ideia de que uma parte da estrutura da mente humana é compartilhada independentemente da individualidade, algo comum nas mentes dos indivíduos da espécie humana.

“Inconsciente coletivo.

Corresponde às camadas mais profundas do inconsciente, aos fundamentos estruturais da psique comuns a todos os homens. "Do mesmo modo que o corpo humano apresenta uma anatomia comum, sempre a mesma, apesar de todas as diferenças raciais, assim também a psique possui um substrato comum. Chamei a este substrato inconsciente coletivo. Na qualidade de herança comum transcende todas as diferenças de cultura e de atitudes conscientes, e não consiste meramente de conteúdos capazes de tornarem-se conscientes, mas de disposições latentes para reações idênticas. Assim o inconsciente coletivo é simplesmente a expressão psíquica da identidade da estrutura cerebral independente de todas as diferenças raciais. Deste modo pode ser explicada a analogia, que vai mesmo até a identidade, entre vários temas míticos e símbolos, e a possibilidade de compreensão entre os homens em geral. As múltiplas linhas de desenvolvimento psíquico partem de um tronco comum cujas raízes se perdem muito longe num passado remoto." Estamos aqui bastante longe do conceito de inconsciente segundo Freud: "um caos ou uma caldeira cheia de pulsões em ebulição". No âmago do inconsciente coletivo Jung descobriu um centro ordenador o self (si mesmo). Desse centro emana inesgotável fonte de energia. Seu papel é importantíssimo na psicologia junguiana, segundo veremos daqui por diante. Em determinadas circunstâncias esse centro corresponde ao superego da psicologia freudiana. Quando a renúncia aos desejos egoístas ocorre por temor da opinião pública e dos códigos, conforme acontece ordinariamente, isso significa que o self permanece inconsciente e, nesta condição, projeta-se no exterior, identificando-se à consciência moral coletiva. Neste caso, self e superego coincidem. Mas, desde que o self torne-se perceptível como fator psíquico determinante, então a renúncia às exigências egoístas não será mais motivada pela pressão da moral coletiva, porém pelas próprias leis internas inerentes, de modo inato, ao self. Em tais circunstâncias esta instância psíquica deixa de coincidir com o superego.” (Silveira, 1981 pg. 46)

Jung realiza o trabalho de analisar padrões distribuídos em todas as culturas para analisar e explicar o inconsciente coletivo e as estruturas coletivas dentro da psique humana, ou seja, aquilo que apresenta uma identidade comum em todos os seres humanos e que apenas varia de imagem externa nas diferentes culturas e rituais, mas se mantém, essencialmente, a mesma estrutura e mensagem em qualquer lugar onde se expressa.

O símbolo sagrado, a imagem na forma de uma máscara ou ritual representa nos indivíduos de determinada sociedade, um arquétipo, um representante de estruturas psíquicas que estão agregadas no inconsciente coletivo da humanidade e se representam na forma de uma imagem ou símbolo externo, que ao ser visto incorpora aquele arquétipo interior

causando uma mudança psicológica no indivíduo. O arquétipo é sinal, podemos tentar associá-lo a uma placa de trânsito que aponta para determinado lugar, direcionando a mente do indivíduo para algo no interior de sua própria mente.

O símbolo sagrado pode ser construído de diversas formas e aspectos, desde uma imagem sagrada, um personagem numa certa mitologia ou até mesmo um sacerdote. O que começa a dar origem as máscaras dos personagens.

Em mitologias tradicionais há o conceito da máscara colocado por um sacerdote, ou um certo indivíduo em particular dentro de uma tribo ou cultura. O “ator” coloca a máscara e nesse momento ele entra no arquétipo de tal figura que ele está representando no rito. Quando este homem ou mulher veste a máscara, ou melhor, entra nesse personagem, ele externaliza o arquétipo na forma de máscara, representando para os outros que o vêem daquela forma aquela estrutura psíquica inerente a eles.

“... a máscara em um festival primitivo é venerada e vivenciada como uma aparição do ser mítico que ela representa – apesar de todo mundo saber que foi um homem quem fez a máscara e que é um homem que a está usando. Mas durante todo o ritual do qual a máscara faz parte, aquele que estiver usando é também identificado com deus. Ele não apenas representa o deus, ele é o deus. [...] Em outras palavras, houve uma mudança de perspectiva, da lógica da esfera secular normal, onde as coisas são vistas como diferentes, da lógica da esfera secular normal, onde as coisas são vistas como diferentes umas das outras, para a esfera teatral ou representativa, onde as coisas são aceitas pelo que são enquanto vivenciadas, e a lógica é a do “faz de conta”, do “como se”” (CAMPBELL 1959 pag. 31)

O santuário de Eleusis, ao norte de Atenas na Grécia, foi um lugar sagrado para o povo ateniense da era do bronze até a implementação do domínio cristão sobre o Império Romano, sobreviveu as eras clássica e romana. No mundo grego clássico, o plantio da safra do trigo era feito no outono e a colheita acontecia na primavera.

As sementes de trigo eram guardadas em silos abaixo da terra durante a verão mais quente para preservá-los. E todo este ciclo agrícola foi relacionado a um mito conhecido, que é raptos de Perséfone cuja adoração acontecia justamente no santuário de Eleusis.

Na história, Perséfone está com sua mãe, Deméter, a deusa da colheita e fertilidade. Certo dia o deus do submundo Hades a sequestrou e levou para o submundo, para desposá-la. A mãe ficou triste por perder a filha e isso causou no mundo uma grande seca, dificultando a colheita de todos os camponeses do mundo. No submundo, Perséfone se nega a se alimentar, pois sabia que se comesse as frutas do submundo ela seria obrigada a viver ali para sempre.

Zeus advoga em favor de sua filha e pede para que Hades a devolva e seguindo a ordem de seu irmão, o rei dos deuses, ele liberta a moça e lhe dá uma única maçã de presente.

Quando ela está voltando a superfície ela, faminta, morde um pedaço do fruto, o que a obriga, a partir daí a viver durante seis meses no submundo e nos outros seis meses com a mãe.

A imagem do submundo representa o arquétipo do inconsciente que é o local de desafios e da morte psicológica, ou seja, a mudança do indivíduo, que pensava de uma maneira e partir desse momento deve pensar de uma nova maneira. A função de uma tradição mitológica é tentar guiar um indivíduo em sua vida, e esse mito associa arquétipos presentes na mente humana com o ciclo do plantio e colheita. Dessa forma o trigo elevado faz menção à Perséfone que é levado abaixo da terra, plantado e depois de seis meses colhido.

O trigo representa o arquétipo do consciente, o indivíduo entrando no submundo e saindo de lá como algo novo, dessa forma o trigo faz o papel do arquétipo na cerimônia, metaforicamente, a semente veste a máscara da deusa Perséfone no ritual.

Se comparada a tradição cristã, mais específico a tradição da igreja católica romana, até hoje o padre aos domingos entrega aos fiéis o biscoito de trigo dizendo que aquele é o corpo de Cristo, ou seja, metaforicamente, o pão representa Cristo e veste a máscara dele na cerimônia, mas Cristo, assim como Perséfone apontam para o mesmo arquétipo da psique humana, no caso a deusa foi até o submundo e retornou e Cristo, conforme relata a bíblia, é enterrado e depois ressuscita, descende ao inferno, submundo cristão e ascende a superfície de novo.

Há uma ligação nessas histórias, entre o que podemos chamar de mundo material, mundo mitológico e o mundo psicológico, cada um apontando para o outro e mesmo sendo o alimento, a história e o ritual diferentes, a mensagem para o psicológico é a mesma, pois o arquétipo ao qual elas referenciam é o mesmo, dessa forma assim como foi metaforizado anteriormente, duas placas apontam para a mesma direção, apesar de serem completamente diferentes.

Fica claro que há uma relação entre o que podemos chamar de mundo material e psicológico, mesmo que tenham que passar pela mediação do mundo mitológico e essa relação não é meramente uma maneira de tentar explicar o porquê de as coisas do mundo serem do jeito que são, mas como um indivíduo deve moldar a Psicologia dele e estar aberto a transformações e certos entendimentos. Entender essa relação nos faz compreender certas motivações da sociedade, porque estruturas inteiras eram completamente baseadas em um único mito e como ele se comunicava com as pessoas que estavam vivas naquele lugar e naquele mundo.

Seguindo esse raciocínio, podemos associar que qualquer alteração nesses três mundos gera uma necessidade de mudança nos outros dois mundos, por assim dizer. Há uma estrutura

psicológica que segue informada pelo mundo externo, e nessa ligação está o elo Ciência, Mitologia e Psicologia.

Carl Jung dividiu a psique humana em duas partes principais, o consciente e o inconsciente. O consciente da psique tem em seu núcleo o Ego, tudo que se é pensado, qualquer opinião, ética ou conceito fundamentado pelo indivíduo se localiza ali, é a parte responsável pela individualização do ser humano, onde suas estarão suas particularidades que o torna separado dos outros.

Na parte inconsciente da psique é onde estarão a sombra que é o inconsciente pessoal, o si próprio e o inconsciente coletivo. A sombra são os aspectos e traumas pessoais que foram reprimidos pelo indivíduo, ou seja, é a parte do inconsciente que pertence ao indivíduo, tudo o que o seu Ego ignora e tenta esconder do consciente, o si mesmo, também chamado de Self, é o arquétipo mais importante, pois representa o centro da psique, é dele que toda a energia que a psique dispõe é emanada.

O Self é o arquétipo fundamental e limítrofe do ser humano, representando a imagem que determinado indivíduo tem sobre aquilo que não pode ser tocado pela lógica do pensamento. É a parte do indivíduo que deseja buscar fora e dentro de si a completude, perfeição e o crescimento, é ele quem liga todos os arquétipos e os impulsiona a autorrealização, possui elementos tanto do consciente quanto do inconsciente, ele aponta para algo além do que a lógica consciente consegue apontar. Em termos psicológicos e seguindo a linha filosófica na qual essa ideia se baseia, existem as categorias de pensamento que definem as bases da lógica sobre o que e como podemos pensar, ou seja, é a base que estrutura toda a capacidade de raciocínio do consciente e esses limites do pensamento, apesar de passível de expansão, é sempre limitada pelas categorias, ou seja, nunca será infinita.

É preciso lembrar que o inconsciente é onde se localiza toda a estrutura que não é passível de ser entendida pela lógica, pois pode apenas ser experimentado, como uma cor que não pode ser descrita para alguém que nasceu sem visão, tentar compreender “vermelho” sem nunca ter visto a cor. Dessa forma o Self seria a palavra “vermelho”, que representa essa experiência pessoal além da lógica.

A imagem do Self, que ele se mostra como figura externa, será uma imagem pessoal consciente, ou seja, o conceito pessoal do que é transcendente. Esse arquétipo poderá apresentar um caráter social e cultural em uma cada determinada cultura ou povo, ou terá características individuais fruto de experiências do indivíduo.

Como placas diferentes que podem apontar para o mesmo lugar, o Self encontra diversas representações em diversas culturas do mundo, podendo ser representado na forma

de Deus, Deusa, ou até mesmo sem imagem específica, mas todas essas figuras apontam para o mesmo arquétipo fundamental.

Assim o cerne de todas as mitologias converge para algo inerentemente presente na Psicologia humana que muda apenas sua representação exterior de cultura a cultura. Logo, podemos dizer que os arquétipos são inerentemente humanos, estão dentro de nossa psique, mas que possuem imagens externas definidas por regionalismos, culturas e mitologias.

O arquétipo em imagem é mostrado pela Mitologia, que faz o mesmo papel de um sonho individual, cada figura dos sonhos representam um arquétipo diferente do inconsciente numa forma criada pelo nosso subconsciente para nosso consciente. Vemos em nossos sonhos, partes diferentes de nós representadas em diferentes imagens. Já na Mitologia vemos os arquétipos do inconsciente coletivo representados de uma maneira mais ampla, para que alcance toda aquela cultura, como um sonho coletivo, podemos dizer então que o sonho é o mito pessoal, e o mito é o sonho coletivo.

No inconsciente coletivo estão os arquétipos presentes em todos os seres humanos, enquanto a sombra retém as imagens individuais. É do inconsciente coletivo que a Mitologia do mundo dos deuses surge, ela se comunica do inconsciente para o consciente na forma de imagens, o que chamamos há alguns parágrafos de “mundo mitológico”.

Para exemplificar o que foi dito, pode-se dizer o mito de Perséfone, Hades e Deméter, acontece nesse mundo sonho que projeta os arquétipos de nossa personalidade, comuns a todos os seres e que naquela cultura é representada na forma daqueles deuses em particular. É um sonho “cultural”, pois cada figura representa muito mais do que a imagem, falando diretamente com nosso consciente sobre desejos do inconsciente

“Um professor está escrevendo em sua mesa de trabalho e sua filha de quatro anos está correndo pela sala. Ela não tem nada para fazer e o está perturbando. Então, ele dá a ele três palitos de fósforo queimados, dizendo: “Olhe, brinque com isso”, e ela se senta no tapete e começa a representar com os fósforos, Joãozinho, Mariazinha e a bruxa. Assim passa um bocado de tempo, durante o qual o professor se concentra em seu trabalho sem ser interrompido. Até que, de repente, a menina grita aterrorizada. O pai corre, perguntando: “O que é? O que aconteceu?” A menina corre para ele mostrando todos os sinais de pânico. “Papai, papai”, ela grita “tire a bruxa daqui! Não suporto mais a bruxa”. [...] Uma explosão emocional é característica de uma mudança espontânea de uma ideia, do nível dos sentimentos para o da consciência sensorial. Além do mais do mais, o surgimento de tal explosão obviamente significa que determinado processo espiritual se completou. O palito de fósforo não é uma bruxa; tampouco era para a menina no início da brincadeira. O processo, portanto, está no fato de o fósforo ter se transformado numa bruxa no nível dos sentimentos e a conclusão do processo coincide com a transferência dessa ideia para o campo da consciência. A observação do processo escapa à avaliação do pensamento consciente, pois ela entra na consciência apenas após ou no momento da conclusão. Entretanto, desde que a ideia é, ela deve ter se tornado. O processo é criativo, no melhor sentido da palavra; pois, como vimos, para uma criança um

palito de fósforo pode tornar-se uma bruxa, enquanto a do ser está no plano consciente.” (Frobenius 1928, apud Campbell, 1959, pg. 22)

Em termos psicológicos, o palito serviu de símbolo à menina, vestiu uma máscara que ativou um arquétipo no seu subconsciente a fazendo ter certeza de que havia uma bruxa ali na sala, ativando um conjunto de emoções e sensações devido a visão daquela figura sombria. Dessa forma, o palito é a imagem e o símbolo sagrado encontrado em várias religiões e culturas que remete a um arquétipo interior ao ser humano, encontrado no subconsciente coletivo, a figura da bruxa que, para Joseph Campbell, remete ao aspecto enraivecido da deusa primordial das primeiras culturas e que é ainda cultuada em vários lugares do mundo como a Índia. Ela representa ambos os aspectos da natureza, destruição seguida de construção, a vida e a morte vindo do mesmo lugar, a mãe que nutre e que destrói.

O arquétipo da deusa mãe é básico dentro da estrutura do inconsciente coletivo, está presente em todas as culturas, em todas as mitologias e religiões, assim como o arquétipo do herói e do velho sábio. O que podemos nos perguntar é se o indivíduo é realmente uma tábula rasa, ou se ele nasce com esses arquétipos dentro de sua psique.

Para entender a formação dos arquétipos, podemos tentar encontrar indícios da formação de algo parecido no comportamento de animais em diferentes ambientes reagindo a diferentes situações. Ao se estudar os comportamentos dos animais, é possível observar um interessante fenômeno que ocorre em quase todas as espécies que é chamado de mecanismo liberador inato (IRM= innate releasing mechanism). Ocorre quando um certo símbolo, objeto ou ambiente causa uma reação ao animal que o faz agir de uma maneira instintiva. Por exemplo, quando os ovos das tartarugas se chocam nas praias, elas vão em direção ao mar instintivamente, como se tivessem nascido com algo na mente delas que compreende a figura do oceano como o lugar de segurança. Essa estrutura é herdada no sistema nervoso que faz com que o animal reaja da maneira que ele precisa reagir a uma situação pela qual ele nunca passou em sua vida.

Pode-se dizer que da mesma forma que as tartarugas correm em direção ao mar, a menina foge da bruxa, pois a bruxa representa uma imagem no inconsciente da criança que libera a condição do pavor, podendo tanto ser uma resposta do inconsciente individual, causada por algum trauma pessoal, ou do inconsciente coletivo. Há uma semelhança entre esses dois conceitos que pode nos ajudar a correlacioná-los, imagens simbólicas podem sim nos causar um impacto, liberando um conjunto determinado de emoções, sensações e intenções.

“Uma imagem pessoal não tem nem caráter arcaico nem significado coletivo, mas exprime conteúdos inconscientes de natureza pessoal e uma inclinação consciente pessoalmente condicionada.

A imagem primária que denominei ‘arquétipo’ é sempre coletivo, isto é, comum a pelo menos povos inteiros ou a períodos da história. Os principais temas mitológicos de todos os tempos e raças são muito provavelmente dessa ordem; por exemplo, nos sonhos e fantasias dos neuróticos negros pude identificar uma série de motivos da mitologia grega.

A imagem primária é um depósito da memória, um engrama, derivado de uma condensação de inumeráveis experiências similares [...] a expressão psíquica de uma tendência natural anatômica e fisiologicamente determinada”

(Jung, 1921, apud Campbell, 1959 pg. 40)

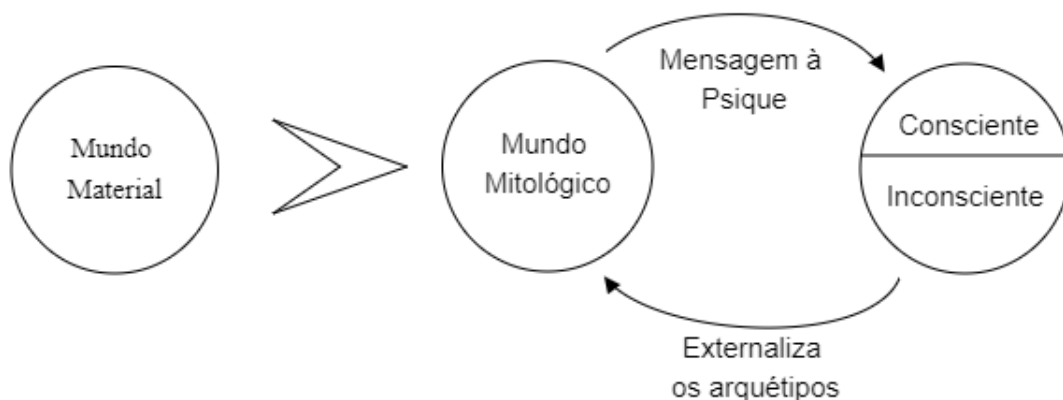
Assim sendo, pode-se determinar que o mundo mitológico não é uma invenção apenas racional, ele tem uma origem psíquica surgida do subconsciente de todo o indivíduo em cada civilização ao longo que existe ou existiu, estímulos inatos que liberam certas atitudes e dirigem a energia, ou melhor, a atitude da psique, representando arquétipos que irão liberar essas emoções em cada indivíduo.

O arquétipo é inconsciente, dessa forma é desprovida de lógica explicativa, como a cor para o cego, ele pode entender o que é, o conceito e qual é o comprimento de onda que define o vermelho no espectro visível, mas nada disso o fará imaginar o vermelho como alguém que o viu. Sendo inconsciente, ele precisa se projetar na forma de imagens para ser assimilado pelo consciente, dessa forma surgem os sonhos e mitologias, conceito que será aprofundado nos tópicos seguintes.

Dessa forma começamos a compreender mais a relação entre os mundos citados para exemplificar o mito de Perséfone, o mundo mitológico fica mais claro como uma projeção que tenta relacionar o mundo material às imagens do inconsciente, ao mesmo tempo que é criado pelo inconsciente para que o consciente o compreenda e assimile aquelas estruturas presentes em seu inconsciente.

Para exemplificar de uma maneira sucinta, podemos nos utilizar do seguinte diagrama.

Figura 1: Diagrama das ligações entre os mundos até a psiquê.



Como podemos ver no diagrama, de maneira simplificada, o mundo mitológico relaciona a mensagem do inconsciente ao consciente através de elementos do mundo material. Os atenienses usavam o trigo para explicar algo em sua própria mente, através de sua mitologia. Dirigiam sua vida, sua própria Psicologia conforme o mundo natural a sua volta desde as sociedades caçadoras e coletoras até as cidades que desenvolveram a matemática e a astronomia que basearam todo o seu modo de vida. A Mitologia em si, apresenta ao ser humano um conjunto de metáforas e símbolos que apontam a condições próprias da Psicologia humana, vindas do subconsciente coletivo e direcionadas ao ego, para que este assimile na vida do indivíduo os impulsos e metáforas vindas do inconsciente. Fonte: Autor. (2021)

Figura 2:Diagrama da Psiquê conforme concebida por Joseph Campbell a partir de seus estudos de Jung.

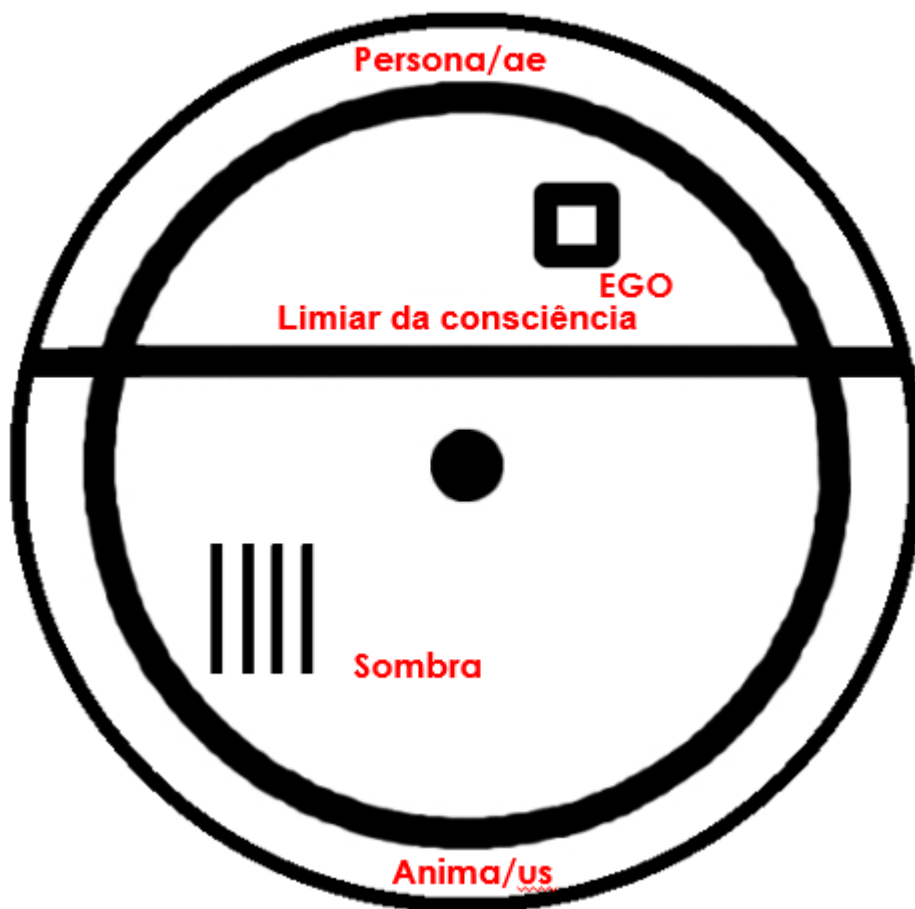


Imagem feita pelo autor baseado em uma palestra de Joseph Campbell. Representação da psique humana, acima do limiar de consciência tem-se a parte consciente e abaixo dessa linha há o subconsciente. Fonte: Autor. (2021)

Nessa imagem temos um diagrama que mostra a psique segundo Jung, como um mapa da mente humana. Além dos arquétipos mencionados temos o Anima/us que são os arquétipos que serão projetados quando o indivíduo se apaixona, além de apresentar as características do homem ou mulher ideal dentro de cada um.

A persona é a máscara, a vestimenta que o indivíduo coloca na sociedade, é o “eu” que o indivíduo mostra aos outros, seu sistema de moral, seu sistema de crenças no que é socialmente aceitável, pressionado pelas instituições como igreja, Estado, família, vizinhos, moralidade e a visão que ele tem, ou que lhe foi apresentado sobre o que é divino.

2.2 O ESTUDO DE MITOLOGIA COMPARADA, A SOCIEDADE E A CIÊNCIA

No vocabulário popular, o nome mitologia é empregado para designar religiões antigas que ninguém acredita mais (ou melhor, religião que a pessoa que usa a palavra não acredita), mas o fato é que toda a religião é uma mitologia, e o estudo da função da mitologia agindo na sociedade o foco desse tópico. (CAMPBELL, 2007)

Para Campbell, o estudo de mitologia comparada começou com o antropólogo alemão Adolf Bastian, no século XIX. Ele viajou pelo mundo e estudou diferentes sociedades e culturas e reconheceu logo cedo que nas mitologias e religiões do mundo havia certos temas recorrentes, a esses temas ele deu o nome de “ideias elementares”. Ele também reconheceu que nas diferentes regiões e nos diferentes séculos, essas ideias elementares de diferentes maneiras, diferentes formas, aplicações e associadas a diferentes aplicações sociais, ele deu a essas formas o nome de ideias étnicas ou populares. Essa ideia foi desenvolvida mais tarde por Carl Jung, pois o psicólogo mais tarde irá chamar as ideias elementares de arquétipos do inconsciente. (CAMPBELL 1959)

Há algo universal e há algo folclórico dentro da mitologia, de um lado o que a psicologia humana projeta sobre a imagem e a imagem em si, que divide o campo sociológico do campo psicológico, e o arquétipo do objeto sobre o qual ele será projetado.

Para poder criar uma definição concisa de mitologia, o autor Joseph Campbell teorizou quatro funções básicas que toda a mitologia cumpre e usou isso para caracterizá-la como tal. A primeira função de qualquer mitologia é o que ele chama de “função mística”, que segundo suas próprias palavras:

“Tradicionalmente, a primeira função de uma Mitologia viva é conciliar a consciência com as predições da sua própria existência – quer dizer, a natureza da vida”. (CAMPBELL 2008 pg. 31)

A vida é um constante ciclo que vive de si mesmo, qualquer alimento que nós comemos é fruto de algo vivo e um dia nós seremos um alimento para os seres que irão se alimentar de nossos corpos. Isso é algo difícil para uma Psicologia assimilar. Antes do ser humano o ciclo

já havia surgido há bilhões de anos. A primeira função do mundo mitológico é reconciliar o ser humano com esse fato de três possíveis maneiras.

A primeira maneira é puramente afirmativa, viver a vida como é e afirmá-la de seu topo a sua base. E tentar mostrar para a consciência de apesar de toda a sua amargura, a vida é doce e maravilhosa.

A segunda maneira é de se horrorizar com a vida e negá-la de todas as formas. De tal forma que algumas religiões pregam a não vida de forma tão intensa que tentam de todas as formas se afastar dela, de limitando cada vez mais, dando a origem as mitologias de retiro, recusa e renúncia.

A terceira maneira que coloca a noção de propósito, certas atividades humanas devem causar um certo “melhoramento” do mundo aos poucos, como boas ações, orações e outros atos que podem causar aos poucos mudanças nos princípios básicos da vida. (CAMPBELL, Joseph, 1981).

Essa função é o que separa a mitologia e religião da ideologia. A religião diz que existe algo “místico” por trás de toda a fenomenologia do universo, seja ela um ou mais deuses ou entidades, um princípio, lei, fundamento ou até mesmo unicidade. Ou seja, a religião num geral aponta para algo que transcende a compreensão humana, enquanto a ideologia se mantém nas fronteiras do que é conhecível.

“A segunda função da mitologia é apresentar uma imagem do cosmos, uma imagem do universo que nos cerca, que conserve e induza essa sensação de assombro. Podemos denominá-la função cosmológica da Mitologia” (CAMPBELL 2008 pag. 34)

Este parágrafo é onde se concentrará o mundo material, como foi chamado no primeiro tópico deste trabalho, o professor Campbell fala que uma mitologia precisa apresentar o mundo para o indivíduo adepto. Os próximos dois tópicos irão mostrar como uma mitologia é influenciada pela visão de mundo com o qual aquela determinada tribo ou sociedade se baseiam totalmente a sua vida.

Isso coloca a educação de ciências com um dilema complicado, pois o que está se dizendo é que não é uma aula sobre um conteúdo em particular, é uma transformação psicológica que acontece quando o professor decide ensiná-lo determinado conteúdo que confronta a visão de mundo que o aluno já apresenta. Se o mundo mitológico não for alterado, aquela visão apresentada em sala de aula será alheia àquele indivíduo.

O problema se acentua quando algumas religiões mais tradicionais da cultura ocidental, baseiam todo o seu mundo mitológico na forma como o mundo material era visto há milênios,

mas essa visão mudou e está em contínuo processo de mudança e ao não atualizar a Mitologia para o mundo, hoje, esta tende a se mover para o fanatismo e desaparecer.

A tradição bíblica, por exemplo, apresenta a visão de universo tal qual foi concebida pelos sumérios há cinco mil anos atrás e desde lá a nossa visão de universo mudou muito, primeiro com Ptolomeu, depois com Copérnico, Kepler e Galileu, além de Newton, Darwin, Einstein, Bohr, Schrodinger e Hawking, e, mesmo assim, em pleno século XXI a história do primeiro capítulo de Genesis, para muitas pessoas, representa o início de um universo que não tem nada a ver com o universo científico atual, não tem nem muito a ver com a história do segundo capítulo de Genesis. (CAMPBELL 2016)

Em pleno século XXI, com o ser humano desenvolvendo foguetes contendo sondas que podem alcançar até os confins do sistema solar, há pessoas que estão tão agarradas em seu mundo mitológico, que tentam encaixar fatos a uma realidade totalmente dissociada do mundo moderno, acreditando fielmente que o planeta Terra é plano. Não é meramente uma crença conspiratória no sentido normalmente empregado a palavra, é uma sustentação psicológica, uma tentativa de relacionar o mundo que faz a Psicologia desse indivíduo funcionar com o mundo que ele enxerga ou quer enxergar.

Do outro extremo há a ascensão de outro tipo de “mitologia” moderna, que apesar de também conspiratória, tem um apelo ao tentar ser mais cientificamente “aceitáveis” para quem é leigo, mas tem crença total na Ciência. A ideia de que aliens estão por trás de planos complexos e de grandes eventos da sociedade, por exemplo, cria uma mitologia onde os deuses são substituídos pelos aliens, mas a Ciência (pelo menos no campo das ciências exatas) não é totalmente negada, ao contrário, ela é parte integrante e extremamente importante de tal crença, toda a concepção de universo da astronomia é aceita e exposta num conjunto de mitos bem mais palatável ao leigo que possui alguma forma de conhecimento científico.

Nesta concepção de mundo, os aliens que alteram os rumos da humanidade desempenham os papéis dos deuses dos panteões antigos. Da mesma forma que os deuses da antiguidade eram projeções dos arquétipos, esses seres também representam as projeções dos mesmos arquétipos.

Se a mitologia é um jogo de faz de conta, a imagem mitológica é o campo que o indivíduo joga, que o ajuda a reconciliar sua vida, sua existência com a própria consciência, ou expectativa, de significado, mas o sistema precisa fazer sentido.

“A terceira função de uma ordem mitológica é validade e preservar dado sistema sociológico: um conjunto comum daquilo que se considera certo e errado, propriedades e

impropriedades, no qual esteja apoiada nossa unidade social particular” (CAMPBELL 2008 pg. 36).

Nas sociedades antigas e mais tradicionais, a mitologia hegemônica mantém um conjunto de leis, regras e costumes que a sociedade deve seguir e estruturar toda a sua vida. Tais leis sempre estão de acordo com as leis universais, em uma mesma natureza. As leis da religião e as leis do universo devem ser uma só na mente dos indivíduos dessas tradições, a mesma lei que define os movimentos dos corpos celestes é a mesma lei que diz a ele que ele deve. No mundo contemporâneo seria como dizer tal lei social tem a mesma justificativa que a lei da gravidade.

Na bíblia, por exemplo, o deus criador (Jeová) entrega os Dez Mandamentos para Moisés no Monte Sinai, é como disséssemos que a lei social dessa determinada sociedade tem a mesma validade que as leis que regem o universo. Assim, o indivíduo não pode desejar que a lei seja diferente da mesma forma que não pode exigir que o sol fique vinte e quatro horas sem nascer, ir contra ela seria como ir contra o universo em si, ou seja, a lei da sociedade é a lei do universo.

Nas tradições orientais, em especial a Índia, o conceito de lei universal não é imposto por nenhuma divindade sobre os homens, é algo primordial do universo que existe por detrás até mesmo dos deuses, dessa forma é imposta sobre os homens e divindade e aplicada na sociedade dá origem a organização do sistema de castas por exemplo.

Todo o debate moderno, a briga entre o Estado e a Religião se origina no fato de que se tem um conflito entre as tradições nascidas na Europa e do Oriente Médio. Enquanto a democracia moderna nasce do ideal greco-romano em que os homens decidem como sua sociedade se organizará apesar da vontade dos deuses e não por causa dela. (CAMPBELL, 1981)

Essas duas formas estão em conflito na sociedade atual, mas a Mitologia, como dito antes, precisa estar atualizada para funcionar na mente das pessoas, as leis apresentadas por elas estão fora de sintonia com a sociedade atual, com suas mudanças no sistema de moralidade.

Essas duas últimas funções mitológicas, hoje, são desenvolvidas pelas instituições laicas. O congresso e a Ciência que provêm a humanidade as regras e as visões de mundo mais atualizada para a atualidade. As visões de mundo mudam constantemente, a sociedade agrega novos valores, inclui novas visões e novos indivíduos. A dificuldade é tornar o mundo uma constante metamorfose na mente dos alunos é um constante desafio da educação moderna.

“Por fim, a quarta função da Mitologia é psicológica. O mito deve trazer o indivíduo atravessar as etapas da vida, do nascimento à maturidade, depois a senilidade e à morte. A Mitologia deve fazê-lo em comum acordo com a ordem social do grupo desse indivíduo, em comum acordo com o cosmos – conforme o grupo define - e em comum acordo com o mistério estupendo” (CAMPBELL 2008 pg. 38)

O professor Campbell chama esta quarta função de função pedagógica, que se ocupa em levar a criança, que está numa situação de dependência e obediência para com os pais para a atitude de responsabilidade e autoconfiança, em todas as sociedades primitivas o jovem é levado a um teste para que possa entrar na sua fase adulta, normalmente esse teste envolve provações físicas e psicológicas e a partir desse momento, o jovem que antes era uma criança passa a ser um adulto nessa sociedade, representando seus valores, princípios. (CAMPBELL 1981)

É esta função que relacionará o mundo mitológico e conseqüentemente o mundo material à Psicologia do indivíduo. Como ele guiará sua vida e no que se baseará para construir a relação entre todos os aspectos de sua mente, harmonizando o inconsciente ao consciente.

A Mitologia, em tese, prepara um indivíduo para agir em na sociedade que ele está inserido, nas mitologias mais antigas e tradicionais, o indivíduo deve responder de uma maneira automática ao que ocorrer na vida dele. Ser responsável significa ser exatamente como seus antepassados, responder com as mesmas respostas que já foram faladas, ser exatamente como seus pais e viver a vida como eles viveram.

Já no mundo contemporâneo, é esperado que o indivíduo adulto desenvolva o seu pensamento crítico, avalie a ordem social e a si mesmo e após tudo isso, contribua de forma crítica, individual e única com a sociedade que pertença. Alguém que responde a questionamentos modernos como seus pais responderam, não é uma pessoa responsável para os termos da nossa sociedade e sim um neurótico. (CAMPBELL 1981)

De uma forma ou de outra, harmonizando o inconsciente com o consciente, a mitologia tenta guiar o indivíduo da infância a idade adulta, da idade adulta até a velhice e finalmente da velhice até a morte, de forma a fornecer ao indivíduo as ferramentas psicológicas, os arquétipos, para que ele tenha capacidade psicológica de passar por tais passagens inevitáveis da vida e relacionando a visão de mundo ao seu jogo de faz de conta pessoal.

Pode-se notar que a partir deste e do primeiro tópico, a mitologia representa não só uma explicação sobre os eventos. Não é sobre tentar explicar alguma coisa em termos científicos, mas é uma ferramenta psicológica simbólica que adequa o indivíduo a sua sociedade e ao

mesmo tempo ao meio em que a sociedade está inserida, tal qual é visto pela Ciência, ou pela visão de mundo, desta determinada sociedade.

Vide a esse fato, o desenvolvimento social sempre exigirá o desenvolvimento mitológico, não adianta ter uma mitologia bela se ela prepara indivíduos para viverem no começo do primeiro milênio. A mitologia de dois mil e vinte deve preparar o indivíduo para viver no ano de dois mil e vinte. E se ela não fornece aos indivíduos as ferramentas para viver atualmente, ela estará fadada a viver em ruínas.

Dessa forma, diferentes mitologias serviram seus povos em eras diferentes com propósitos diferentes, embora servindo a mesmas funções básicas. A mitologia não é apenas um conjunto de crenças distinta da visão e filosofia de mundo, há uma construção não apenas social, mas psicologicamente, criando uma visão de totalidade cosmogônica e uma atitude em relação a vida.

Em uma palestra na organização Firjan, o físico Marcelo Gleiser irá explicar o surgimento da mecânica newtoniana. O mecanicismo e o racionalismo surgem a partir da visão religiosa e mitológica de Newton e Galileu que se casou perfeitamente com a visão religiosa, mesmo que suas visões discordassem com alguns fatos que as religiões da época julgavam fatos. Na visão deles quanto mais se entendia sobre a natureza, mais se entendia sobre a mente divina. (GLEISER 2019).

Na crença de Newton, Deus é o arquiteto e atuante no universo. Como o relógio mecânico, o universo é determinístico dessa forma a partir das leis da natureza é possível explicar tudo no universo, tornando-o uma máquina. Mais tarde, o racionalismo irá afirmar que se uma super mente soubesse a posição e a velocidade de tudo no universo, ela poderia prever totalmente quais seriam os próximos eventos, nesse momento o racionalismo rompe com a figura divina e a ciência passa a explicar tudo.

Mas voltando a Campbell, não há nada em uma mitologia que exija a existência de um ou mais deuses, só precisa cumprir as quatro funções básicas, o iluminismo e posteriormente o positivismo casam a visão científica com a visão política e filosófica. Pode não ter uma religião formalizada, mas há todos os aspectos de uma. Até mesmo a “Não-Religião” se torna uma religião, ou melhor, uma mitologia.

Quando a ciência moderna começa no século XX, o determinismo leva seu golpe fatal, com o surgimento da física quântica que abandona as certezas de que é possível prever todos os eventos futuros através do que já aconteceu.

O fim do determinismo causou um problema maior dentro dos fundamentos religiosos da sociedade, no século XIX, a ciência e a sociedade eram guiadas pelo positivismo, a

evolução, a certeza de que o mundo avançava e caminhava para algo fixo, tudo isso foi destruído conforme o século XX foi avançando.

A partir desse momento o desenvolvimento científico começa a caminhar para uma direção completamente diferente, nesse momento todas as outras questões que eram respondidas pelo determinismo começam a se desfazer, há uma resistência humana a esse avanço nessa direção, já que a estrutura filosófica, social e política foi toda montada em volta dessa ideia. Dessa forma surge uma resistência, não só dentro da comunidade científica, mas da sociedade como um todo à uma mudança nos rumos filosóficos que a ciência estava seguindo.

E apesar de, na era atual, houver plena aceitação da comunidade científica à ciência não determinística, ao ponto de hoje essa ciência ser a mais aceita e a que mais gera resultados ao ponto de ser consenso na comunidade científica, ainda há aqueles que a combatem em nome do determinismo, ao ponto de em 2016, uma matéria do site intitulado “Instituto Liberal” classificar as ciências humanas, a física quântica e a física relativística como “instrumentos de doutrinação marxista” justamente por trabalharem na área do, nos termos do autor, “tudo pode”. Dessa forma o autor usa desse argumento para justificar a ideia do “liberou geral” e, portanto, o uso de drogas. [1]

Numa visão religiosa tradicional, para correlacionarem as funções sociais e cosmológicas descritas anteriormente, usa-se o argumento de que existem “Leis Morais Naturais” de cunho divino, essas leis que regem a moral são as mesmas leis que regem o universo e, como veremos mais tarde, é quase como se fosse dito que a lei que rege o nascer do sol também determina o porquê tal sociedade tem a obrigação de se comportar de tal forma, porque tal casta deve cumprir uma determinada função e porque determinada prática deve ser considerada odiosa.

Ou seja, a física, a ciência não existem por si só, a visão do cientista sobre o mundo que também está relacionada a sua visão mitológica, e a mudança científica conseqüentemente leva a uma mudança na estrutura social como as revoluções científicas deixam transparecer.

A resistência a uma nova teoria não é só porque ela combate a teoria científica por si só, mas porque combate um sistema todo de crença fundado naquela tese, uma tese que está de acordo com o sistema de crenças geral é bem mais rapidamente aceita do que uma tese revolucionária, por assim dizer.

Um exemplo para se entender essa ideia é a farsa do “Homem de Piltdown”, durante o início século XX o eurocentrismo ainda era bastante difundido pela comunidade científica. O

positivismo dominava a política, a ciência e a filosofia mais abrangentes da época, e assim o fara até a Grande Guerra.

Nessa arcaica ideia Eurocêntrica, o homem se tornou homem primeiro na Europa, o que quer dizer que, para eles, o hominídeo passou a ser humano inteligente no continente europeu e por isso eles eram o exemplo a humanidade em seu ponto mais avançado possível.

Na Inglaterra, em 1912, um arqueólogo amador chamado Charles Dawson convenceu a comunidade científica de arqueologia de que um crânio que tinha cabeça de hominídeo e mandíbula de chimpanzé teria sido encontrado na cidade de Piltdown [2]. Para a comunidade científica europeia, aquela era a prova que precisavam para confirmar que a humanidade como forma inteligente surgiu primeiro na Europa, mesmo com um artigo da Nature de 1913 já ter aparecido desmentindo a fraude e dizendo que a “grande descoberta” eram na verdade os ossos do crânio de um homo sapiens e a mandíbula de um chimpanzé [3], mas nada disso importou e a farsa de Piltdown só veio a ser finalmente contestada e desmentida em 1949, quando Oakley fez teste de datação e apenas em 1953 pode confirmar que eram ossos diferentes. [4]

Essa farsa nos mostra o contrário, por assim dizer, da revolução científica, pois, uma tese que vai de acordo com o que a comunidade aceita ser verdade não foi devidamente contestada.

3 COSMOGONIA DAS CIVILIZAÇÕES

3.1 A MITOLOGIA E A OBSERVAÇÃO DO AMBIENTE DAS CIVILIZAÇÕES PRIMITIVAS

Neste segundo tópico, será abordado a relação entre o mito e o mundo ao qual a sociedade que o cria está inserida. Imagens do mundo natural, símbolos, frutas, sementes, dentre outras coisas, recebem a projeção do que é criado no mundo mitológico, dessa forma há uma ligação direta entre o que é visto no mundo e o que baseia, e o que define a visão de mundo é a Ciência de determinado povo.

É dito que a Ciência moderna e racional surgiu apenas após a idade média, com Copérnico e Galileu e há aqueles que defendem que a Ciência surgiu com o pensamento racional na Grécia Antiga com os Sofistas, Pitágoras e mais tarde Aristóteles, mas ao se estudar a origem de certas ciências fundamentais como astronomia e matemática, é possível ver que eles surgiram com os sacerdotes nos templos mais antigos da sociedade. Essas duas ciências eram a base de toda a estrutura social, da Mitologia e da cultura dos povos que a detinham. Orientavam toda a sua vida no que era visto nos céus de maneira periódica.

Em várias civilizações do crescente fértil, o monarca tinha seu período de governo regido pelo ciclo de um astro em particular, após algum evento astronômico (que poderia variar de 5 a 8 anos após a coroação) o monarca e toda a sua corte (mais de 300 pessoas) entravam numa enorme câmara-tumba e ali morriam (todos perfeitamente ordenados). Não era uma exclusividade do crescente fértil pois nas civilizações americanas pré-colombianas um eclipse exigia um sacrifício de centenas de pessoas. Os antigos usavam os astros para guiar sua sociedade e o seus indivíduos do momento do nascimento até a morte.

O arquétipo dos deuses do reino mitológico, nessas sociedades, era projetado no céu noturno, nos astros. Os arquétipos que na história de Perséfone estão projetados na deusa que por sua vez encontra como símbolo o trigo, agora são projetados nos planetas e estrelas. Além disso, tais deuses são projetados também no rei que vestirá a máscara de deus e será a representação do deus na terra enquanto durar seu reinado, e como o deus que está no céu, renova seu ciclo, o corpo do deus na terra deve morrer e ser projetado num novo rei e reinado.

“Sir James Frazer, em O Ramo Dourado, mostrou que nas primeiras cidades-estados do Oriente Próximo, de cujo centro se originaram todas as civilizações avançadas do mundo, reis-deuses eram sacrificados em conformidade com esse rito selvagem. E a escavação de Sir Leonard Woolley das tumbas reais de Ur, nas quais cortes inteiras

havam sido cerimonialmente enterradas vivas, revelou que na Suméria tais práticas continuaram até aproximadamente 2350 a.C. Sabemos, além do mais, que na Índia, no século XVI da nossa era, foram observados reis retalhando cerimonialmente a si próprios 3, e nos templos da deusa negra K 1, a terrível de muitos nomes, "difícil de ser abordada" (durg), cujo estômago é um vácuo que jamais pode ser preenchido e cujo útero está eternamente parindo todas as coisas, um rio de sangue de oferendas decapitadas tem fluido continuamente por milênios através de canais abertos para devolver esse sangue, ainda vivo, à sua fonte divina. Até hoje setecentas ou oitocentas cabras são abatidas em três dias no Kalighat, o principal templo da deusa em Calcutá, durante seu festival de outono, o Durga Puja” – (CAMPBELL 1994 pg. 9)

Há algumas relações novas que surgem dessa linha de pensamento, além da ligação entre os três mundos, psicológico, mitológico e material, agora há a ligação entre o mito, o indivíduo e a sociedade no qual ele está inserido. A Mitologia passa a relacionar o microcosmo, o mundo da Psicologia de cada indivíduo com o mesocosmo social que se organiza conforme o macrocosmo, ou seja, a Mitologia passa a conectar a Psicologia do indivíduo à sociedade na qual ele está inserido, e a vida da sociedade com o ambiente ao seu redor e assim, toda a observação científica das culturas antigas tentava colocar o indivíduo de determinada sociedade em acordo com o mundo natural a sua volta, sejam os astros, sejam os animais ou as plantas.

Os xamãs e principalmente sacerdotes, eram quem criavam a relação à Psicologia de cada indivíduo ao mundo ao redor por meio da Mitologia, utilizando uma linguagem metafórica e simbólica para manter essa relação harmônica. No caso dos sacerdotes, eles os responsáveis por fazer as projeções e tentar entender os padrões de repetibilidade do céu e prever futuros eventos astronômicos. Dessa forma eles orientavam as castas dentro da sociedade como a arquitetura cósmica, cada pessoa deveria cumprir sua função no meio social.

Os primeiros objetos astronômicos facilmente no céu são o sol e a lua, claramente ambos foram utilizados em praticamente toda a Mitologia do mundo para representar dois arquétipos fundamentais. O sol representa vida absoluta, desengajada do campo do tempo deparada em nascimento e morte, pois quando o sol se põe ele não fica na escuridão, pois ele leva a luz com ele e nós que ficamos nas sombras, dessa forma o sol é relacionado com o poder feminino especialmente nas culturas do crescente fértil que depois será passada adiante. As mitologias primordiais são centradas na Deusa que será mais importante nas culturas agrícolas.

Seguindo o mesmo raciocínio, a Lua representa o ciclo de vida e morte dentro do campo do tempo, a lua não emana luz, ela apenas reflete a lua que já vem do sol e em ciclos bem definidos. Logo a lua pode representaria reencarnação, passagem de gerações, renovação ou o

ciclo da morte e da vida como um todo, a vida dentro do tempo, dentro do campo de nascimento e morte. Dessa forma, nas civilizações antigas representará o princípio masculino que nascera e morrerá através do princípio feminino, o sol, ou seja, o sol é a mãe da lua.

“Ora, a Lua morre no Sol uma vez por mês e renasce dele novamente, assim como o corpo do primeiro sacrifício morre na terra para renascer como alimento. Portanto, nessa mitologia primeva centrada na Deusa, o Sol, como a Terra, é feminino. Ou, segundo a outra imagem, a Lua masculina é gerada no Sol: o fogo criador do Sol e o fogo criador do ventre e do sangue menstrual são o mesmo. Equivalente também é o fogo sacrificial do altar.” (CAMPBELL 2016, pag. 22)

Até mesmo na idade da pedra é possível ver o simbolismo do sol e da lua. Nos primeiros enterros que se tem dados todos os corpos eram colocados com a cabeça voltada em direção ao leste indicando a ideia do renascimento a partir da figura solar, que na simbologia mais antiga, representa a deusa que destrói e cria o universo.

Figura 3: Diagrama representando um cemitério do final do período paleolítico.



Cemitério do final do paleolítico em Jabel Sahaba, Sudão. Todos os corpos estão com as cabeças voltadas em direção ao sol nascente. Fonte: After Wendorf (1968)

Na Mitologia da era do Bronze, que é a Mitologia base de toda a antiguidade, o animal associado com o Sol é o leão, toda vez que se vê um leão ou até mesmo um felino em uma

imagem ou qualquer tipo de representação. Como o trigo que representa Perséfone, o leão veste a máscara da deusa, ele é seu símbolo, assim como o sol, os dois receberão esse arquétipo humano básico da deusa mãe. O felino será associado à Deusa e as figuras femininas, essa projeção do arquétipo ficará enraizada na Psicologia humana, até mesmo no folclore medieval, pois toda a bruxa terá um gato.

A deusa representa para as mitologias primordiais o universo em si, que retêm o tempo, o espaço e a causalidade. Tudo que ocorre no universo ocorre dentro da deusa, por assim dizer, é dela o ventre que dará origem a vida e ao mesmo tempo será dela que virá a morte e com ela o renascimento que renovará a vida.

Figura 4: Deusa Anatólia com dois felinos do seu lado.



A relação clara da deusa com o felino, representante do sol. A deusa dessa forma representa o princípio que gera a vida através da morte, nas figuras antigas é comum encontrar uma forte ênfase no aspecto da

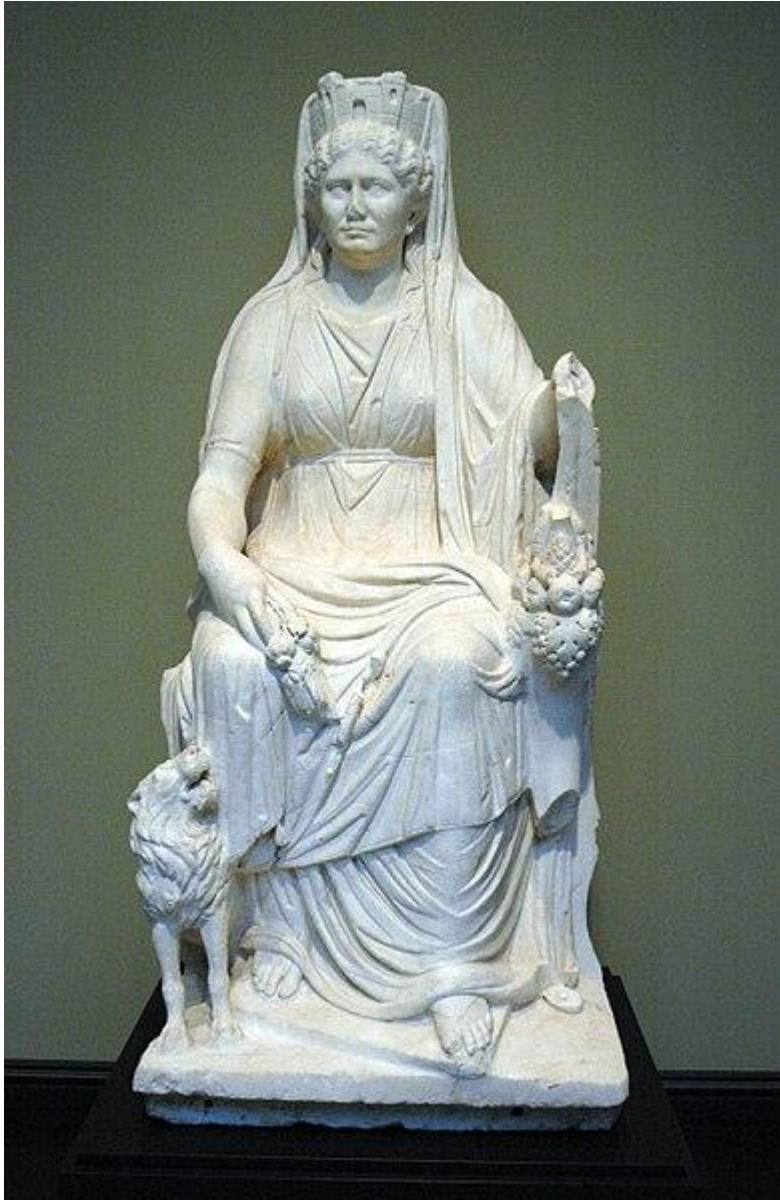
fertilidade. Fonte: Deusa Anatólia, mulher sentada de Çatalhöyük (a cabeça foi restaurada), Museu da civilização anatólia, Ankara, Turquia. Fonte: Museu da Civilização Anatólia (2006)

Figura 5: Mulher representando a luz em duas posições, ao lado de um homem e gerando um filho



Outra imagem representando mais claramente o princípio feminino de fertilidade, a deusa representa o sol e da morte faz a vida assim como a mulher, nesse caso de um lado vê-se a reprodução, e do outro o nascimento de uma nova vida. 6000 a 5500 BC, Museu da civilização anatólia, Ankara, Turquia. Fonte: Museu da Civilização Anatólia (2006)

Figura 6: Deusa Romana Cibele sentada em seu trono ao lado de um leão.



Cibeles, mãe dos deuses (Reia na mitologia grega). 6000 anos depois e a imagem da deusa ainda está associada com o leão, o sol simbólico do mesmo princípio. Seus ajudantes eram os Coribantes, seres metade humanos metade demônios significando o princípio da vida e da morte. Mármore romano 50 D.C, Museu das Artes de Los Angeles. Fonte: Marshall Astor (2007)

As três imagens representam o mesmo contexto. Na primeira e última figura vemos a deusa associada ao leão e ao Sol, dessa forma associados ao mesmo arquétipo, a mesma deusa e ao mesmo símbolo.

Dentre os animais associados com a lua, os dois mais importantes são o touro e a cobra. A serpente desfaz de sua pele para “renascer” assim como a lua “desfaz” a sua luz para renascer de novo. A lua e a serpente representam o poder da vida no ciclo do tempo.

“A planta (que concedia a imortalidade) crescia no fundo do mar cósmico. Ursapi (o barqueiro) conduziu o herói outra vez pelas águas. Gilgamés atou pedras aos pés e mergulhou. Ele desceu, indo além de todos os limites da resistência, enquanto o barqueiro esperava no barco. Ao chegar no fundo do mar sem fundo, o mergulhador apanhou a planta, embora esta lhe mutilasse a mão, desatou as pedras e começou a emergir...

Eles continuaram a singrar o mar. Quando aportaram, Gilgamés se banhou num frio poço e se deitou para repousar. Mas, enquanto ele dormia, uma serpente farejou o maravilhoso perfume da planta, aproximou-se e a carregou consigo. Comendo-a a serpente obteve imediatamente o poder de retirar a própria pele e, assim, recuperou a juventude.” (CAMPBELL 2007 pg. 174)

O touro é associado com a lua da mesma forma que o leão é associado com o sol, os chifres do touro lembram as pontas da lua crescente e assim como a lua morre para ressuscitar, o touro é sacrificado para que seja ressuscitado. Esta é a energia da vida engajada no campo do tempo, alinhada à morte e ressurreição. O animal de chifres era sempre o animal a ser sacrificado nas culturas antigas, o javali, o carneiro, bode e o touro morriam para que a nova vida pudesse surgir.

“O animal que em geral simboliza o poder solar é o leão; o que representa a Lua é o touro, cujos chifres lustrosos sugerem a forma da Lua crescente. [...] A Lua morre no Sol, o touro é golpeado pelo leão. A lua é o signo celestial do sacrifício: o touro é o animal sacrificado na terra sobre o fogo do altar, que é a contraparte terrena do Sol e também do fogo do ventre. De forma análoga, os corpos dos mortos são, como sacrifícios, ou sepultados no ventre da Terra ou lançados na pira funerária para renascer.” (CAMPBELL 2016, pg. 23)

A Lua projeta o arquétipo da vida tal como representada no para nascimento e morte, celestialmente, enquanto o touro é sacrificado na terra representa esse arquétipo em nosso mundo. Dessa forma ao longo das tradições do mundo, haverá alguns animais que representarão o sol, como princípio da vida desengajada do tempo, o leão e felinos em geral e para as culturas da América pré-colombiana a águia, e se incluem entre animais que representam a lua, ou seja, o princípio da vida engajada no tempo, nascimento e morte, a cobra, para os pastores de gado indo europeus será o touro, para os mesopotâmicos o javali e para os semitas o carneiro e o bode.

Figura 7: Representações de Touro conforme encontrados em escavações em Catal Hüyük.



Mais imagens de Catal Hüyük, o Touro como representa do princípio lunar de morte e renascimento, o animal sempre a ser sacrificado. Museu da civilização Anatólia, Ankara, Turquia. Fonte: Museu da Civilização (2005)

Figura 8: Deusa hindu Durga ao lado de seu leão matando o demônio Mahisasu.

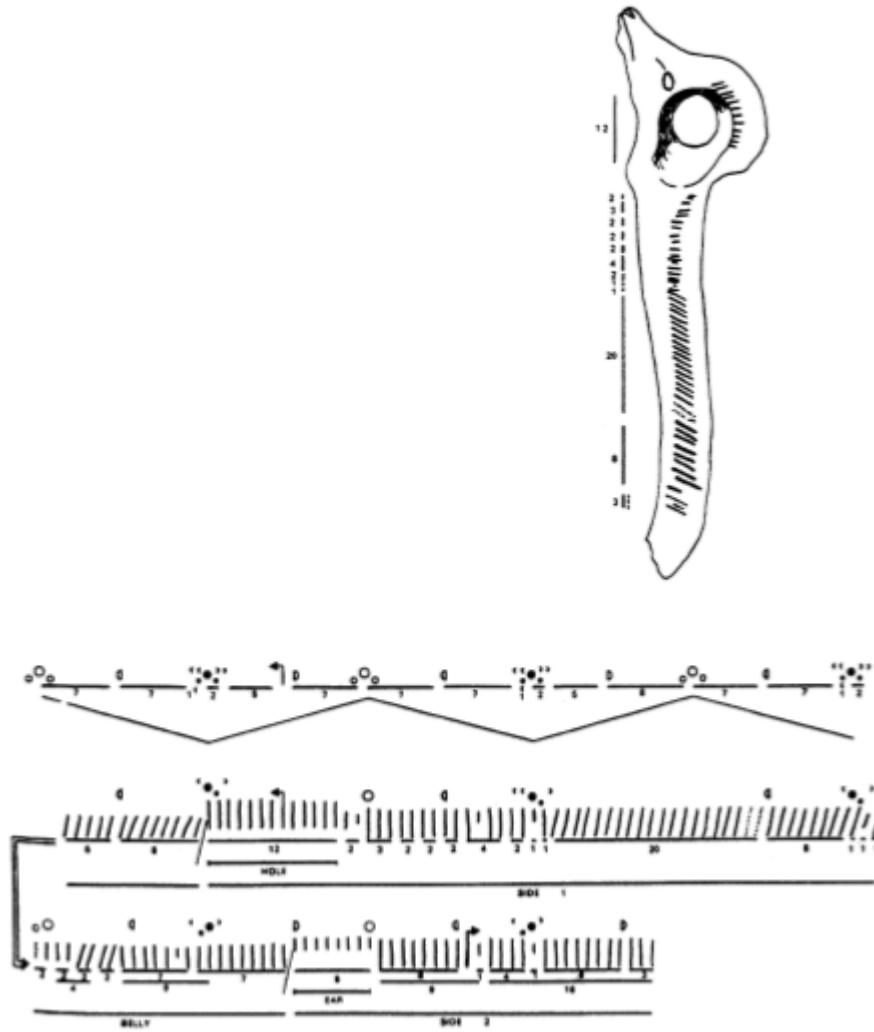


Na Índia a Deusa Durga ainda é uma figura dominante na religião e para algumas tradições é a principal figura na tradição, depois de oito mil anos a deusa ainda carrega a figura do leão associada a ela, o nascimento e a morte a partir do sol e nesta imagem ela está representada matando o demônio Mahisasu, o demônio búfalo da mitologia hindu. O princípio do búfalo, do boi, ou melhor, o animal com chifres como aquele que será sacrificado e ressuscitará ainda está representado na figura masculina, dando ênfase ao nascimento e renascimento a partir da figura da deusa, a lua morrendo pelo Sol e nascendo dele, o ciclo eterno de vida e morte se repetindo. Foto tirada de um ritual no Chittaranjan Park, Delhi, 22 de outubro de 2004. Fonte: Murkerje (2004)

Os dois astros mais brilhantes do céu já projetam a Psicologia humana no céu, os arquétipos do subconsciente presentes em cada indivíduo o informam por meio de elementos externos e esses astros são relacionados a animais do ambiente de cada cultura. Como não há leões na América pré-colombiana, logo o animal que representará o sol será a águia que caça a cobra, o pássaro voa livre e distante das raízes da terra onde a cobra se encontra presa, dessa forma os leões e a águia, ou o falcão serão representantes do mesmo princípio. Na tradição hebraica, a lua é apresentada pelo cordeiro e em tradições mais antigas da Turquia pelo javali.

Os primeiros calendários que se tem registro utilizavam o ciclo da lua para definir a passagem do tempo. Durante escavações em cavernas do paleolítico superior (50.000 a 10.000 anos atrás), por exemplo, foram encontrados ossos de animais com pequenas marcas feitas por ferramentas humanas. O arqueólogo Alexander Marshack analisou essas marcas feitas nos ossos desses animais e sugeriu que existe uma relação entre as marcas e os períodos lunares correspondentes a um mês. (ROBBINS, Lawrence H. 2000) A Lua relacionada com a contagem do tempo com o ciclo de vida e morte, dado que a contagem foi feita num osso de animal.

Figura 9: Diagrama de um bastão do Paleolítico superior com cortes mostrando a passagem dos dias.



Bastão do paleolítico superior, cultura magdaleniana, achada em La Placard, França, mostrando uma relação entre o modelo lunar e uma série de marcas. Fonte: After Marshack (1991)

Figura 10: Venus de Laussel segurando um chifre e com a mão sobre a barriga.



Nesta outra figura, segundo Riane Eisler é possível ver a deusa segurando um chifre que representa a lua crescente em sua mão direita. No chifre, é possível ver treze marcas representando a quantidade de ciclos da lua em um ano. A sua outra mão está no ventre, dando a ideia da relação entre os ciclos menstruais e o ciclo lunar. Referência do texto: Sacred Pleasure: Sex, Myth, and the Politics of the Body, p.61.]. Imagem: Vênus de Laussel, museu de Bordeaux, França. Fonte: Museu de Bordeaux (2006)

Antes das primeiras cidades surgirem, as sociedades primitivas ainda não haviam desenvolvido uma astronomia complexa, o universo era apenas o que era visível ao seu redor. O mundo será dividido em dois tipos de organizações de sociedade baseado em como buscavam alimentos, as dos caçadores e as dos coletores. Em cada uma delas, o meio natural onde vivem baseia toda a sociedade, desde os mitos, ritos e danças até a própria organização social e sua filosofia de vida. (CAMPBELL, 1959)

Há uma certa semelhança entre os mitos das sociedades caçadores. Para essas tribos, os animais e homens fizeram um acordo que justifica a caça. O animal, como por exemplo o touro ou o búfalo, entrega sua vida voluntariamente para alimentar a tribo e, em troca, a tribo deve realizar um rito de agradecimento ao animal sacrificado, para que este possa renascer (como os membros da tribo também renasceriam) e ser dessa forma agraciado com um ritual sagrado da próxima vez. O animal e o homem são vizinhos tentando viver em harmonia no mundo e essa harmonia se dá por meio desse acordo, logo a matança devido ao sustento é feita em eterna gratidão e respeito ao animal que representa a aliança.

“Essa história, muito, muito antiga, é sobre uma tribo de pés negros que não conseguia levar os búfalos até o alto do rochedo. Os búfalos se aproximavam e, então, mudavam de direção. Assim, parecia que a tribo não teria nada para comer no inverno.

Um dia, uma jovem levantaram-se cedo, para buscar água para a família, e por acaso olhou para o rochedo onde estavam os búfalos. Ela então disse: “Ah, se vocês chegarem lá em cima, eu me casarei com um de vocês”.

Para sua surpresa, todos se puseram em marcha. Bem essa foi a surpresa número 1. A surpresa número 2 foi quando um dos búfalos, o xamã da manada, se aproximou e disse: “Muito bem, menina, agora vamos”.

“Oh não”, ela diz.

“Oh sim”, diz ele, “você fez uma promessa. Nós mantivemos nossa parte do trato. Olhe para todos os meus parentes aqui – mortos. Agora nós iremos”.

Bem, quando a família acorda, olha ao redor e... onde está Mennehaha? O pai se abaixa para examinar o chão e diz “Ela se foi com um búfalo, eu vou trazê-la de volta” [...]

Após o pai encontrar a menina na história, os búfalos revoltados e instigados pelo xamã:

“... Então ele dá um berro de búfalo e, e todos os búfalos se levantam, começam a executar uma lenta dança de búfalos com as caudas erguidas, e depois se põem em marcha e pisoteiam aquele pobre homem até a morte, até que ele desapareça inteiramente, transformado num monte de pedaços. E se vão. A jovem chora e seu esposo búfalo diz: “Você está chorando?”

“Sim” ela diz “Ele é meu papai”

“Bem”, ele diz, “e nós? As nossas crianças lá estão, ao pé do rochedo, nossas esposas, nossos pais... e você chora por causa do seu paizinho.” Bem, ele aparentemente era um tipo de búfalo que se compadecia, e disse “Está bem, se conseguir trazer seu papai de volta à vida eu os deixarei ir”.

Então ele se volta para a pega (pássaro) e diz “Por favor, saia bicando por aí e veja se acha um pedacinho do papai”. A pega assim o faz e retorna, por fim, com uma vertebra, apenas um ossinho. E a jovem diz: “Isto é o bastante”. Então ela coloca o osso no chão, cobre-o com sua manta e canta uma canção para revivê-lo, uma canção mágica, muito poderosa. E então... isso mesmo, surge um homem de sob a manta. Ela espia. “É papai, e está bem!” Mas ele ainda não está respirando. Ela canta mais algumas estrofes da canção que estava cantando e ele se ergue.

Os búfalos ficam espantados, e dizem: “Bem, por que você não faz isso para nós? Ensinares a vocês a nossa dança de búfalo e quando vocês tiverem matado nossas famílias, vocês dançarão essa dança e cantarão essa canção e todos voltaremos a viver de novo.””

(CAMPBELL, 2016 pag. 81)

Nas sociedades baseadas na agricultura a ideia fundamental é de que a morte é a geradora da vida, é dessas sociedades que surgirão os sacrifícios humanos e canibalismo. Ao observar na natureza o mundo das plantas os agricultores descobriram que ao se cortar uma muda de uma planta e enterrá-la, uma nova planta irá crescer de onde havia apenas um pedaço da planta anterior, assim as sociedades agrícolas chegaram à conclusão de que não se pode ter uma vida nova sem que o que é velho morra. Nessas mitologias, a figura principal adorada pela comunidade é a deusa mãe. Essa imagem da deusa será representada nos dois aspectos, a geradora da vida e ao mesmo tempo aquela que tira a vida. (CAMPBELL, 1959)

“As plantas domesticadas na região do Sudeste Asiático, onde esse mito parece ter se originado, como inhame, o taro e o saguzeiro, não se reproduzem por semente, mas por mudas. Os animais eram o porco, o cão e aves como frango, pato e ganso, familiarizados com a casa. Os episódios do mito acontecem em eras mitológicas atemporais — a era dos Ancestrais —, quando não havia distinção entre masculino e feminino, nem mesmo entre humanos e bestas. Era um tempo onírico que fluía indiferenciado, até que num certo momento —o momento final —acontece um assassinato. Em alguns dos mitos, o grupo todo trucidava uma vítima. Em outros, o ato era cometido por um indivíduo contra o outro. Mas em todos eles o corpo era retalhado, os pedaços enterrados, e deles cresciam as plantas comestíveis que sustentavam a vida humana e seu mundo. Nós vivemos, por assim dizer, da substância do corpo do deus. Além disso, no momento do sacrifício, quando a morte veio ao mundo, e com o fluir do tempo, ocorreu também a separação dos gêneros. De modo que, com a morte, veio também a possibilidade de procriação e nascimento.

Os pares de opostos, ou seja, macho e fêmea, morte e nascimento (possivelmente também o conhecimento do bem e do mal, como na versão bíblica desse mito universal), vieram ao mundo junto com a comida, no fim da Era Mitológica, através do ato mitológico de assassinato que deu origem ao mundo do tempo e da diferenciação. E os elevados ritos pelos quais esse mundo do tempo é mantido, os ritos sacramentais, são normalmente observâncias de um sacrifício que reencena aquele Ato Mitológico.” (CAMPBELL, 2016, pg. 22)

Em toda mitologia baseada na agricultura há a história de alguém que se sacrificou para que a planta que serve como alimento básico daquela cultura pudesse surgir, como as histórias folclóricas sobre a origem do coco, do guaraná e do milho, a ideia desses sacrifícios ainda vive no mundo atual, ele ainda é realizado em várias sociedades isoladas pelo mundo, mas uma parte dessa ideia do herói sacrificado que serve de alimento se encontra também na tradição católica-romana, aos domingos na celebração da missa, é contado a crucificação de cristo e os fiéis se alimentam do que, simbolicamente, representa o corpo daquele que foi morto no sacrifício ou crucificação. (CAMPBELL, 1987).

As civilizações do tipo caçadora e coletora ainda são encontradas no mundo afora, em lugares afastados e pouco tocados pelas civilizações contemporâneas. Em várias delas os rituais primordiais ainda são realizados. Seja os de sacrifício do animal ou os de canibalismo.

Há uma relação entre mundo visível e o que se está no mito. As imagens do mundo mitológico surgem do inconsciente, mas elas relacionam a Psicologia do indivíduo com o que é visto no mundo ao seu redor. O mundo recebe as imagens do inconsciente, o mito se torna a maneira como esses lados irão se relacionar e informar a consciência.

3.2 A COSMOLOGIA DAS CIVILIZAÇÕES ANTIGAS

Em todo o mundo começou a acontecer uma revolução nos modelos de caça e de coleta. As tribos que antes coletavam, que eram nômades, se estabeleceram com o desenvolvimento da agricultura. As temporadas de colheita e plantio são cíclicas o que tornou essencial a essas tribos uma maneira de medição de tempo.

Os astros passam a se tornar os deuses dos povos que usavam o céu para se guiar. Eles projetam os arquétipos que antes as plantas e animais recebiam, todos projetados no céu noturno. Os templos nas cidades passam a conter os primeiros observatórios. (CAMPBELL 1959)

Nas sociedades agrícolas, a deusa universo ainda continua sendo a figura principal e todo o mundo é como se estivesse em seu útero, sendo nutrido e criado. Os deuses, os homens, os animais e as plantas, são tratados como as crias da deusa, ela lhes dará tudo que vive e lhes trará a morte.

As tribos de caçadores se tornaram os nômades pastores, como os indo europeus (pastores de gado) e os semitas (pastores de cabras). Estes povos vagavam pelo velho mundo, os indo europeus ao norte da Eurásia e os semitas no sul da Turquia e norte da África. Devido ao seu nomadismo, esses povos se tornaram guerreiros, invadiam e pilhavam as cidades e vilarejos dos agricultores espalhadas pelo crescente fértil e pela velha Europa. A figura masculina do deus da sociedade, do trovão e da guerra surge, Jeová, Júpiter, Zeus, Thor, Indra entre outros e o raio se torna o símbolo da guerra. Curiosamente, os indo europeus, ao invadir uma vila ou uma cidade, costumavam casar a deusa da cidade (agrícola) com o deus da tribo invasora e foi assim com Zeus em todas as cidades da Grécia, o que vai dar origem a toda uma mitologia de deuses e deusas, surgindo assim os grandes panteões grego, celta, nórdico, persa etc. (CAMPBELL 1981)

A palavra latina “Deus” tem origem do protoindo-europeu da palavra “Dyeus Phater” que literalmente quer dizer “pai do céu”, essa palavra se tornou “Zeus Pater” na Grécia Antiga e em Latim se tornou “Dyaus Pita” que se tornou “Iupiter” e na grafia de hoje se tornou “Júpiter”.

O céu passa a ser o novo ambiente ao qual os arquétipos da psique passam a ser externalizados, o outro ao qual a sociedade irá dirigir sua organização e o homem dirigirá sua mente. Os sacerdotes usam da formulação matemática para predizer onde determinado corpo celeste estará em determinado dia, o universo se torna um ciclo e desse ciclo florescem novos conceitos mitológicos. Os planetas passam a representar os deuses que vivem em um constante ciclo e este ciclo molda a ordem social.

No caso romano, adotado na terminologia ocidental, Marte, notável pela cor vermelha, é associado ao deus da guerra sempre manchado do sangue das batalhas. Mercúrio se movia mais rápido no céu do que qualquer um, e, portanto, era o mensageiro dos deuses. Vênus é a estrela do crepúsculo e a estrela da alvorada, a última estrela a sumir do céu e a primeira a aparecer, é o objeto mais brilhante do céu noturno depois da Lua, associado a deusa da beleza devido ao seu brilho ser considerado belo. Júpiter o maior dos objetos no céu só poderia ser o rei dos deuses, com sua magnitude e poder e Saturno é o planeta mais lento visto no céu, é o que demora mais tempo para completar uma volta no céu, além disso e do fato de estar relacionado a agricultura foi associado ao deus do tempo e da agricultura, o titã Cronos na mitologia grega. (KRUPP 2000)

Figura 11: Figura mostrando os deuses romanos junto aos seus respectivos planetas.



Da esquerda para a direita na fileira de cima: Sol, Lua e Marte. Na fileira de baixo da esquerda para a direita: Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno. Fonte: História da Ciência não Ocidental (2000)

Cada um dos sete dias da semana passou a representar os sete corpos celestes mais importantes, os planetas da antiguidade. Em algumas línguas como Espanhol e Inglês os dias da semana ainda recebem o nome dos corpos celestes associados a deuses pagãos.

No caso do ocidente, as estrelas são separadas em regiões com conglomerados de estrelas chamados de constelações, a maioria das constelações representam heróis e histórias da mitologia grega, cujos feitos vivem no céu, como Órion perseguindo o escorpião através dos ciclos do céu noturno. Todas essas histórias tiveram uma origem dentro da Psicologia do ser humano, os corpos celestes passam a ser os objetos que vão definir o calendário, as cerimônias, as datas da colheita e do plantio, início e fim de reinados, a vida em sociedade passa a ser a vida dos astros. (CAMPBELL 1959) (KRUPP 2000)

O simbolismo antigo do sol e da lua ainda permanecem constantes através das mitologias ao longo das eras, mas dessa vez amarrados a um politeísmo diverso e complexo, novas figuras surgem nos panteões mitológicos e os deuses passam a morar no céu, sempre eternos pois sempre estão se renovando.

Os objetos no céu, concretos e sempre se renovando regem o curso do céu, legitimam o aspecto de transformação e auto renovação da natureza, são símbolos dos ciclos da experiência humana, mantendo a ordem cósmica, eles também oferecem o mecanismo para que a organização social ocorra de maneira ordenada, surgem os ofícios familiares, uma divisão de tarefas e trabalhos nas cidades, castas, classes, ordens, sempre seguindo o ciclo determinado pela matemática do cosmos.

Na origem etimológica, a palavra “planeta” vem do grego “errantes”, eram todos os corpos no céu que vagavam contra o campo das estrelas fixas, os cinco planetas clássicos (Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno), além do Sol e da Lua. (KRUPP 2000).

O mundo material irá passar do mundo das plantas e dos animais para o ciclo celeste. O trigo representa Perséfone e agora Júpiter irá representar o próprio Zeus. As sociedades que projetarão os arquétipos no céu noturno, irão basear toda sua Psicologia, sua sociedade e modo de vida nesse horizonte expandido.

Para elucidar esses arquétipos, faz-se uso da simbologia primordial explicada no início do tópico anterior. Há o Sol e a Lua, no mundo mitológico, ambos são arquétipos que representam a vida, na primeira forma eterna e desengajada do campo nascimento e morte e a segunda cíclica dentro do campo do tempo, nascendo e morrendo eternamente.

O Sol, primordialmente é apresentado na forma da figura feminina, a deusa mãe que nutre a vida e que por sua vez coloca a Lua, princípio masculino no eterno campo de nascimento e morte, a Lua é o temporal e o Sol representa o eterno, onde não há espaço nem

tempo. Dessa concepção surge um novo mito que irá acompanhar várias civilizações, dentre elas a mitologia Grega, Romana, Egípcia e Indiana.

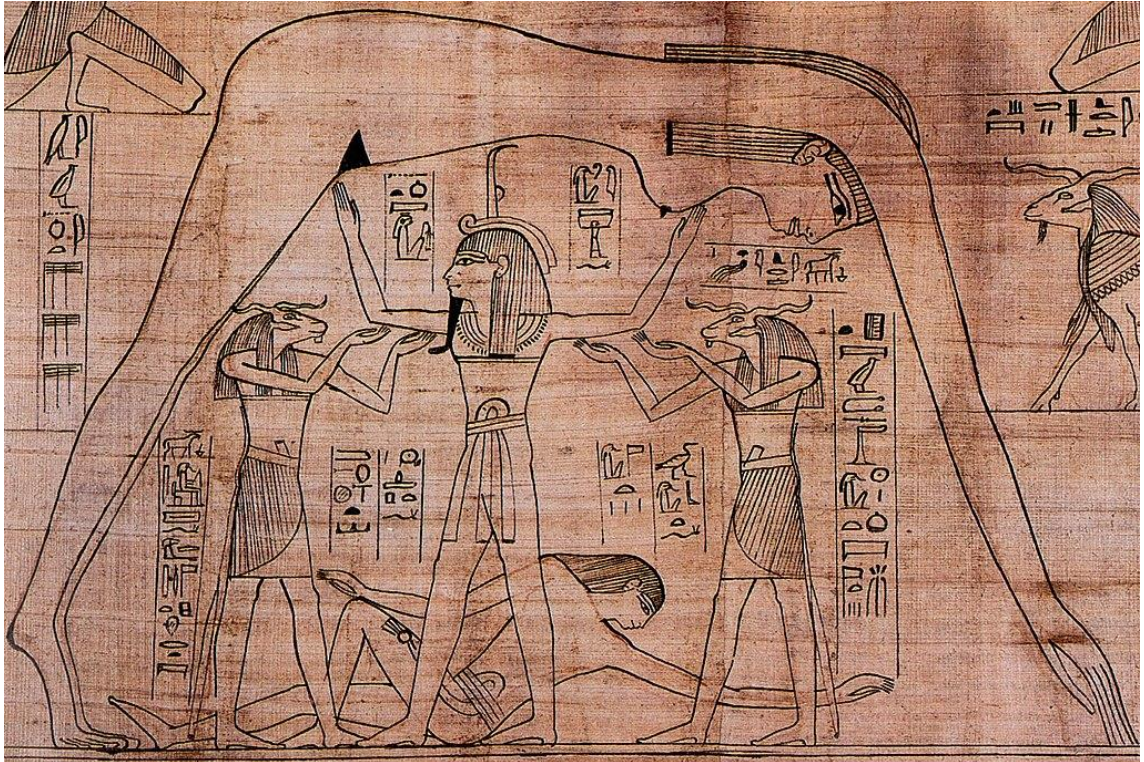
Este mito primordial, diz que no começo havia um casal ou um único ser, quando este ser ou casal é finalmente dividido em dois, inicia-se o universo e a vida no contexto vida-morte. A contagem do tempo só começa quando acontece a primeira separação e diferenciação, o titã do tempo, Kronos, apenas sai do útero de Gaya quando ao castrar seu pai, Urano, e empurrá-lo para longe, fazendo-o se tornar o céu. O monte Olimpo surge separando céu da terra, obrigando-os a viverem afastados para que a vida prospere.

O universo surge da deusa primordial nessa separação do mundo, ela dá origem ao mundo a partir da semente gerada pelo deus masculino. Essa história é contada de várias formas em diferentes culturas e resquícios dela estão presentes em todas as culturas do mundo. (CAMPBELL 2015)

Uma das sociedades do mundo antigo conhecidas por se basear na astronomia para guiar toda a sua vida, do nascimento até a morte, do faraó até o escravo, era o Antigo Egito. Pelo mundo antigo, os egípcios eram conhecidos pelo seu conhecimento dos corpos celestes, é dito que Thales de Mileto, Demócrito e Platão aprenderam sua matemática e astronomia egípcia. A maior parte da documentação egípcia sobre astronomia é encontrada em túmulos, mas as estrelas não eram apenas guias para o pós vida.

A diferença entre o mundo egípcio e o mundo antigo da Anatólia é que a terra, para eles, representava o deus Geb e o céu era a deusa Nut, a visão oposta à greco-romana. Ao olhar para o céu estaríamos olhando para a própria deusa Nut, os dois são separados pelo deus ar, Shu. (DEYOUNG 2000)

Figura 12:Deusa Céu Nut sendo sustentada pelo deus do ar Shu.



A deusa Nut era segurada pelo deus ar Shu, o deus terra aparece deitado no chão. Inscrição do livro dos mortos de Nesitanebtashru, papiro de Greenfield, Museu Britânico. Fonte: Museu Britânico (1997)

Durante a alvorada vermelha, Nut está dando à luz ao sol (Rá), o vermelho do céu é o sangue da deusa durante o parto. O constante renascimento do sol pela deusa é o símbolo egípcio do renascimento no pós vida.

Há uma mudança de imagem em relação a greco-romana tradicional. A terra é masculina e o céu feminino. Há uma inversão de onde cada arquétipo será projetado, a deusa dessa vez estará no céu e a terra será quem a fecundará, mas é dela de onde a vida sai. O céu é o útero de onde a vida vem, e o deus ar, Shu, que faz o papel de Kronos, é aquele que separa o céu da terra e dessa forma permite que o universo exista.

A figura de Nut é pintada no interior dos sarcófagos na ideia de que o corpo mumificado também deverá renascer através da deusa. “Oh minha mãe Nut, se espalhe sobre mim, para que eu tenha um lugar entre as eternas estrelas e nunca morra” (Pag 477 The history of no western Science). Para os egípcios a vida e a morte vinham do céu, o sarcófago não era enterrado, como na Grécia antiga, mas ficava eternamente sob a deusa, de onde viria o seu renascimento. (DEYOUNG 2000) (CAMPBELL 1981)

A cosmologia egípcia apresentou novas maneiras e imagens para o desenvolvimento da sua mitologia, além de apresentar novos símbolos que contribuíram cada vez mais para

apresentar a ideia da imortalidade de cada alma tão enraizada na cultura e Psicologia egípcia. O egípcio iria nascer com o sol, navegaria no céu e morreria com o sol e depois renasceria de novo. A partir da observação do cosmos os egípcios vão criar seus calendários que iriam determinar as datas dos festivais religiosos e dos eventos importantes do Estado.

Os egípcios estavam cientes da noção rotativa dos céus, assim como os povos que desenvolveram astronomia, o governo, a sociedade e o indivíduo irão basear a sua vida nessa ordem cósmica. A primeira divisão dos céus ocorre entre o dia e a noite, depois vem os calendários lunares, a contagem do tempo será mais abrangente quando for introduzida as mudanças astronômicas causadas pelas mudanças de estação.

No caso particular do Egito, nas civilizações a margem do Nilo, havia ciclos de inundações do rio, em que o solo ao redor ficava mais fértil, com isso o calendário passa a ser necessário para prever quando é o período para se plantar e se colher. O calendário egípcio é dividido em três estações askhet (inundação), peret (saída) e shemu (água baixa ou colheita), cada um com quatro meses lunares que receberam seus nomes a partir dos festivais mais importantes que aconteciam nesses meses, os meses começavam com o desaparecimento da lua crescente antes do nascer do sol.

Assim como no modelo planetário latino, os nomes dos planetas no mundo egípcio seguem. Marte se torna “Hórus do horizonte” ou também “Hórus vermelho”, claramente uma referência a sua cor avermelhada, também é chamado de “Aquele que viaja para trás” devido ao seu movimento retrogrado. Saturno é chamado de “Hórus o Touro” embora não se saiba a sua etimologia. Júpiter é chamado de “Hórus que ilumina as duas terras”. Mercúrio é associado com o deus Seth e chamado “sbq”, um termo que ainda não foi encontrado o significado. Vênus é associado com a Garça e era conhecido como “Aquele que cruza”. (DEYOUNG 2000)

O papel do calendário na agricultura se repete em todas as grandes culturas, desde os maias até os indianos. O calendário não tem só importância fenomenológica, mas possui uma importância simbólica de constante renovação do indivíduo dentro da sua cultura, a mudança do cosmos também deve ser uma mudança psicológica para o indivíduo, os arquétipos simbolizados em estrelas, nos planetas, no ciclo eterno do cosmos, estão organizados de tal forma para conciliar a psique com o universo no qual ele habita. (CAMPBELL 1959)

“Nós estamos, nestes mitos, tentando explicar o que vemos no céu e usando o céu para explicar o resto do mundo. As narrativas tradicionais e símbolos que incorporam o fenômeno celeste incluem histórias sobre o comportamento de deuses, espíritos e outros seres sobrenaturais julgados como tendo estabelecido as características do mundo, particularmente o céu. O céu também é utilizado para

contar sobre a criação, estruturação, desenvolvimento e destruição da ordem cósmica, do universo físico, das intuições. A realidade dessas histórias descritas é definida e validada pelo poder metafórico do céu, cuja primeira analogia é a renovação cíclica. Nós modelamos essa mudança ordenada no padrão da vida, com base no comportamento animal, nas temporadas de plantio e colheita e nas passagens da vida humana.” (KRUPP, 2000, Pg. 27)

Nas sociedades primordiais, nos primeiros reinados, de acordo com o antropólogo James Frazer em sua obra “O Ramo de Ouro”, a entidade que representava o Touro, ou seja, aquele a ser sacrificado era o próprio rei, ele era o deus na terra e como ele tinha o ciclo de vida e morte definido pelos astros ele deveria morrer e renascer na forma de um novo rei, que por sua vez será a nova projeção do deus na terra.

Na antiga civilização minoica, por exemplo, havia um ciclo de oito anos associado ao planeta Vênus que ao retornar a um determinado ponto no céu, determinava quando o rei deveria ser sacrificado para renovar a sociedade baseado no ciclo cósmico. A sociedade era um reflexo que se organizava como o cosmos, a lei do universo e a lei da sociedade eram as mesmas.

Ser sacrificado em um ritual para as sociedades tradicionais era uma honraria, a pessoa sacrificada era considerada perfeita, um deus na terra, pois assim como os planetas se renovavam a cada ciclo, o rei e sua corte também deveriam se renovar. (CAMPBELL 1981)

“Nos casos que descrevemos até agora, o rei ou sacerdote divino conserva sua função com o assentimento do povo até que alguma deficiência evidente, algum sintoma visível de má saúde ou envelhecimento, mostre sua incapacidade de cumprir os deveres divinos; mas só quando tais sintomas são claros é ele eliminado. Há certos povos, porém, que julgam pouco seguro esperar até mesmo pelo mais leve sinal de decadência, e em lugar disso preferem matar o rei enquanto ainda está em pleno vigor. Assim, fixam um prazo para o seu reinado, findo o qual ele tem de morrer. Esse prazo é bastante curto, para excluir a possibilidade de degeneração física durante o reinado. Em certas regiões do sul da Índia, o período fixado era de doze anos.” (FRAZER, 1982, pag. 263).

Os períodos fixados eram determinados pelos sacerdotes que detinham o poder sobre a sociedade, mantendo a ordem social sempre obedecendo a ordem cósmica, cada pessoa na sociedade era como uma estrela cumprindo sua função assim como a lei do universo diz que tem que ser. Os sacerdotes observavam o cosmos, eles desenvolviam técnicas para poder prever determinadas temporadas de plantio e colheita. Era aqueles que observavam os sinais dos deuses no céu.

A partir desse momento as mitologias vão começando a se tornar mais complexas e dinâmicas e se diferenciam cada vez mais entre si. É possível fazer uma distinção da definição do conceito da palavra Deus no ocidente e no oriente, ao dividir o velho mundo em dois, na

região da Pérsia. Para o mundo do Oriente Médio e Pérsia, o deus é a inteligência que controla e rege as leis do universo. Ele é o Imperador, o rei que rege o cosmos e possui livre arbítrio para criar as leis que irão reger sobre a sociedade e a natureza. A figura do rei humano passa a ser o representante de deus na terra, aquele que vai garantir que o código de lei seja cumprido.

Na tradição do Oriente Médio surge a ideia de uma inteligência racional superior que cria a sociedade para atribuir as funções que ele quer que sejam realizadas. Esse deus se senta no trono do universo e comanda as leis cósmicas, ele vai ao seu povo escolhido e lhe entrega o código de leis que a sociedade deve seguir.

No mundo do oriente, a lei universal passa a ser um princípio anterior ao deus ao qual ele é apenas um agente. Dessa forma, no oriente e nas civilizações tradicionais da Mesopotâmia e Creta, predominou a ideia de que a ordem cósmica era absoluta, tanto os deuses quanto os homens eram obrigados a servi-la. Segundo os hindus, essa ordem, o Dharma, dura anos e anos, o universo para os hindus não tem início e nem fim. A ordem cósmica não pode ser parada, não há nenhum ato humano feito por homem ou por deuses para pará-la, é assim agora, porque fora assim antes. (CAMPBELL 1981)

De qualquer forma esses dois modelos de sociedade irão se basear no céu para definir os rumos da sociedade. O mundo material se expande para o céu, e para o céu são projetados os deuses no mundo mitológico que vão cumprir a tarefa de colocar em concordância o consciente e inconsciente. As pessoas irão dirigir sua vida conforme o mundo cósmico se dirige nas lentes dos sacerdotes dos grandes templos.

“De acordo com o historiador Beroso, que, como sacerdote babilônico, falava com amplo conhecimento, celebrava-se anualmente na Babilônia um festival chamado Sacaea. Começava no décimo sexto dia do mês de Ious e durava cinco dias. Durante a festa, senhores e criados trocavam de lugar, passando os segundos a dar ordens e os primeiros a obedecer-lhes. Um prisioneiro condenado à morte era vestido com as roupas do rei, sentado no seu trono, e podia dar as ordens que desejasse, beber, comer, divertir-se e dormir com as concubinas do rei. Mas, ao fim dos cinco dias, era despido de suas vestes reais, flagelado e enforcado ou empalado. Durante seu breve reinado, tinha o título de zoganes. Se na Babilônia, antes do alvorecer da história, o próprio rei costumava ser imolado no festival de Sacaea, é natural supor que Sacaea não fosse outra senão Zigmuk ou Sakmuk, a grande festa do Ano-Novo, durante a qual, até os tempos históricos, o poder do rei tinha de ser formalmente renovado por uma cerimônia religiosa no templo de Marduck.” (FRAZER, 1982, pg. 269).

Até mesmo na Grécia antiga, a tradição de observação dos céus para fazer determinações sobre a política e organização da sociedade.

“Há também algumas razões para supor que o reinado de muitos dos antigos soberanos gregos era limitado a oito anos, ou pelo menos que, ao cabo de cada período de oito anos, uma nova consagração, uma nova unção de graça divina, era considerada como necessária para permitir-lhes o bom desempenho de seus deveres civis e religiosos. A constituição de Esparta determinava que, a cada oito anos, os éforos escolhessem uma noite clara e sem luar e, sentando-se, observassem os céus em silêncio. Se durante essa vigília vissem um meteoro ou estrela cadente, deduziam que o rei havia pecado contra a divindade e o suspendiam de suas funções até que o oráculo deífico ou olímpico o restabelecesse no cargo.” (FRAZER pg. 265).

No começo do tópico foi descrito sobre as invasões dos semitas e dos indo-europeus nas regiões da Anatólia, Europa, Norte da África e na Índia, mas nenhuma dessas invasões teve caráter de conquista, eram em sua maioria, pilhagens de alimentos e recursos, guerras cerimoniais ou até mesmo tomada de uma morada fixa. Isso vai se manter até Sargão I, conhecido como o primeiro imperador que se tem registro, suas batalhas eram para conquistar outros povos e aumentar seu domínio, nascendo a figura do imperador, nasce a figura do deus imperador que comanda as leis do universo e a figura da deusa, outra vez, começa a ser abandonada. (CAMPBELL 1972)

O primeiro conjunto de leis que se tem registro é o código de Hamurabi, que segundo a mitologia foi entregue a Hamurabi pelo deus Shamash, as leis foram, é claro, inventadas por Hamurabi, mas vem com a autoridade do deus imperador do universo, a mesma lei que comanda o nascer do Sol tem a mesma autoridade que a lei do Império. (CAMPBELL 1972)

Figura 13: Foto do código de Hamurabi, mostrando recebendo as leis do Deus Shamash.



O deus Shamash entregando a Hamurabi a sua insígnia real, o imperador é o representante de deus na terra, seu poder se torna absoluto sobre as leis do universo. Museu de história Natural de Nova Iorque, Estados Unidos. Fonte: Sailko (2009)

“Sargão (c.2300 a.C.) e Hamurábi (†1750 a.C.) marcaram a incursão das tradições masculinas nas cidades estados da Mesopotâmia —os semitas vieram saqueando desde o deserto Sírio-Árabe. Eles eram um povo guerreiro e impiedoso. Não perguntavam às estrelas “Será que é momento de eu ir para o túmulo?” Não deixariam ninguém fazer isso com eles, nem ofereceriam um substituto, nem deixariam que alguém assumisse o papel de comando.” (CAMPBELL, 2016, pag. 120).

A figura real passou de ser uma projeção temporária e aos poucos foi se tornando um imperador eterno que governará até o fim do mandato. Esse novo contexto começa a dar fim nas formas tradicionais de projeção, o rei não é apenas o deus por cinco anos até morrer, ele nasce e morre como representação desse poder. Em alguns casos, o Imperador é um deus na

terra, como nas monarquias orientais, ou simplesmente seu representante como são os exemplos das monarquias ocidentais.

A astronomia da antiga Mesopotâmia se espalhou por todo o mundo ocidental, principalmente o europeu e o do Oriente Médio, dando base de sustentação a várias mitologias que se seguiram, tanto a Grega e Romana como a Judaica e a Cristã.

Durante os reinados dos pequenos imperadores semitas da Mesopotâmia, a previsão de eventos era feita utilizando a astrologia, ou como Joseph Campbell gosta de chamar “Astroscopia”. Nesse sentido o deus ou deusa controlava um determinado corpo celeste e como esse corpo se comportava era a forma que o deus usava para se comunicar com os sacerdotes sobre de que forma eles iriam atuar sobre determinado assunto. Se o deus controla “x” e “y” ele mostrará em “x” se ele é favorável ou não a “y”. Era comum antes das batalhas, os imperadores se consultarem com seus sacerdotes para ver os deuses iriam abençoá-lo ou não em suas conquistas. Psicologicamente, é possível entender o efeito de tais previsões na moral dos soldados antes e durante o conflito, algo que poderia fazer a diferença. (CAMPION 2000)

A astrologia na Mesopotâmia começou a ser deixada de lado quando começou a ver que não era possível prever os eventos climáticos, as vitórias nas guerras e outros eventos futuros por eventos cíclicos. Os sacerdotes astrólogos começaram a cair para segundo plano, o rei não era mais sacrificado, mesmo assim os céus representaram e em grande parte do mundo ainda representam o centro mitológico dos povos.

Devido à proximidade da região e ao fato de os judeus terem vivido por algum tempo na babilônia, muitos dos textos que hoje estão na bíblia precedem o próprio judaísmo que os adaptaram, por assim dizer, para uma visão monoteísta. A história de Moisés é associada a história de Sargão assim como suas leis e o código de Hamurabi estão relacionadas. Nessa pluralidade de mitologias, adicionado à teologia de Zoroastro é possível ver que houve uma continuidade do pensamento religioso ao longo da história, os mitos não morrem, são transformados de cultura a cultura. (CAMPBELL 1973)

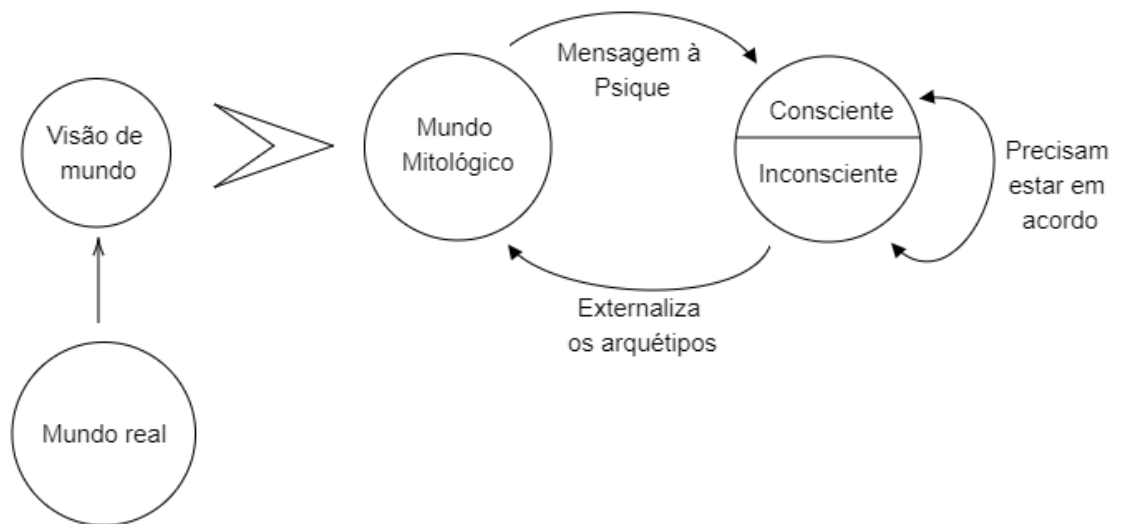
A mundo mitológico e psicológico mudam conforme a visão do mundo de determinada cultura se diferenciam. As sociedades de caçadores tinham não só uma religião baseada no uso da imagem do animal, mas o modo de pensar, se organizar, estruturar e construir a sua civilização que será diferente da sociedade agrícola que por sua vez será diferente das civilizações dos grandes templos que olhavam para as estrelas.

A visão de mundo altera o mundo mitológico e por sua vez altera como o indivíduo tentará relacionar os diferentes aspectos de sua Psicologia. Uma mudança na maneira que a

sociedade vê o mundo, será acompanhada de uma mudança na maneira como aquela sociedade tentará se organizar e na forma como o indivíduo daquela sociedade tentará lidar com os diferentes aspectos da sua vida.

Dos três mundos descritos no primeiro tópico, é possível, já aqui, notar que há uma relação importante entre eles, de tal forma que a alteração de um deles causa uma mudança em todos esses sistemas, da forma de pensar a forma de ver o mundo. O mundo não muda, o que muda é a forma como a sociedade o vê, logo, pode-se criar a primeira diferenciação no mundo material. Há o mundo e o mundo visto pelos olhos daquele que o vê. Dessa forma, pode-se alterar um pouco o diagrama apresentado nos primeiros tópicos.

Figura 14: Diagrama completo dos mundos, do que existe até a psiquê.



Fonte: Autor (2021)

4 A RAIZ DA FORMA DE SE PENSAR:

As tradições clássicas da antiga Europa acabaram se diferenciando um pouco das mitologias tradicionais e do oriente. O conceito de indivíduo surge no mundo greco-romano, a ideia de que um ser humano pode moldar sua própria história independentemente do poder dos deuses. Os deuses sentados no olimpo eram pais ou imperadores, tem-se que obedecê-los de preferência, mas era comum nas histórias da Grécia um herói humano incomodar, irritar ou até mesmo derrotar em combate um deus.

Surgiu o conceito da polis, a cidade dos homens, onde eles decidiam o que era necessário para a cidade, apesar dos desígnios deuses e não por causa deles. Esse conceito de sociedade irá de desenvolver até a noção contemporânea de democracia, república e estado laico.

“Entretanto, deve se observar uma série de contrastes entre as ênfases mitológicas grega e hebraica; pois "a teologia grega", conforme observou F.M. Comford, "não foi formulada por clérigos, nem mesmo por profetas, mas por artistas, poetas e filósofos. [...] Não havia uma classe sacerdotal protegendo de influências inovadoras uma tradição sacra entesourada em um livro sagrado. Não havia religiosos que pudessem, com êxito, a partir de uma fortaleza inexpugnável de autoridade, pretender ditar os termos da crença. A Mitologia, em consequência, permanece fluida como a poesia, o os deuses não são literalmente concretizados, como Javé no paraíso, mas conhecidos exatamente como o que são: personificações trazidas à existência pela criativa imaginação humana. Eles são realidades, visto que representam forças tanto do macro quanto do microcosmos, o mundo exterior e o mundo interior. Entretanto, como são conhecidos apenas pelo seu reflexo na mente, compartilham dos defeitos daquele agente e esse fato é perfeitamente conhecido pelos poetas gregos, como o é por todos os poetas (porém não, conforme parece, pelos sacerdotes e profetas). As lendas gregas sobre os deuses são jocosas, cômicas, evocam e expulsam as imagens ao mesmo tempo, receando que a mente, fixando-se nelas com profundo respeito fracasse em ir além das imagens, rumo à realidade basicamente desconhecida e parcialmente intuída, e refletida por aquelas mesmas imagens.” (CAMPBELL, 1994 pag. 36)

Dessa forma, a ideia que surge é a de que os homens reunidos devem decidir qual é a melhor forma de organizar a sociedade, independente do desejo ou da vontade dos deuses, o conceito de Democracia surgida na Grécia antiga e o conceito de República surgida na Roma antiga são os bastiões da política ocidental, diferindo das religiões do oriente médio, onde o deus cria as regras são os sacerdotes e reis exercem o poder vindo de deus.

“A lição irônica desse momento de indecisão celestial é a da dependência mútua entre Deus e o homem, como, respectivamente, o conhecido e o conhecedor do conhecido uma relação na qual nem toda iniciativa e criatividade está, apenas, em uma das partes. Em todas as religiões do Levante essa relação da ideia de Deus com as necessidades, a capacidade e o culto ativo do adorador, parece nunca ter sido

entendida, ou, se entendida, reconhecida. Pois lá, sempre se supôs que Deus, concebido como Ahura Mazda, Javé, a Trindade ou Alá nesse aspecto específico seria absoluto, e um único Deus certo para todos, enquanto entre os gregos, no período de seu apogeu, tal literalismo e impudência eram inconcebíveis.

Além do mais, com relação a qualquer conflito de valores que pudesse surgir entre as forças cósmicas desumanas simbolizadas pelas figuras dos deuses e os princípios supremos de humanidade representados por seus heróis, a lealdade e simpatia dos gregos estavam, sem dúvida alguma, do lado dos homens, li verdade que os melhores e mais ousados pensamentos do coração humano se contrapõem inevitavelmente à força cósmica, de maneira que o perigo de ele ser partido em dois está sempre presente. Por isso, a prudência deve ser observada, a fim de não sermos condenados a andar como as figuras esculpidas de perfil. Entretanto, jamais tomamos conhecimento de tal traição da causa humana por parte dos gregos, como é normal e mesmo necessária no Levante. As palavras do severamente açoitado Jó, "justo e sem culpa", dirigidas a um deus que o tinha "consumido sem motivo", podem ser representativas do ideal clerical devoto e submisso de todas as grandes religiões daquela área. "Vê, sou de pouca valia [...], Ponho minha mão sobre a boca [...] Sei que tu podes fazer todas as coisas [...]. Menosprezo-me e arrependido faço penitência no pó e na cinza." O Prometeu grego, em contrapartida, igualmente torturado por um deus que bem podia crivar a cabeça do Leviatã com arpões, apesar disso sustenta seu julgamento humano de ser responsável por seu tormento e grita quando recebe ordem de capitular: "Pouco me importa Zeus: Ele que faça o que bem entender."

Por um lado, o poder do Deus Supremo, em contato com quem todas essas insignificantes categorias humanas se transformam em misericórdia, justiça, bondade e amor, e, por outro, o construtor titânico da Cidade dos Homens, que roubou o fogo dos deuses, corajoso e disposto a assumir a responsabilidade por suas próprias decisões. Esses são os dois grandes temas de discórdia do que se poderia denominar estrutura mitológica ortodoxa do Ocidente: os polos da experiência de um ego separado da natureza, amadurecendo valores próprios, que não são os do mundo dado, e, contudo, projetando sobre o universo uma noção de paternidade antropomórfica: como se ela mesma jamais tivesse possuído, ou pudesse chegar a possuir, em si ou na sua base metafísica, os valores, sensibilidade e inteligência, decência e nobreza de um homem!" (CAMPBELL, 1994, pag. 36-37)

O pensamento ocidental foi fundado na ideia de que o indivíduo é único na história e dotado das suas experiências exclusivas, deverá viver uma vida nunca vivida. A nova forma de pensar, diz que o indivíduo para poder ser um membro responsável da sociedade, ele deve fazer justamente o oposto do que era tradicionalmente imposto. As respostas para as questões sociais que lhe forem dadas não devem ser as mesmas que seus pais responderam, que por sua vez era a mesma que os pais deles responderam.

Na sociedade moderna, é esperado que o indivíduo seja responsável pelos próprios atos durante a fase adulta e que não procure refazer algo socialmente imposto, mas de seu próprio sentido crítico e ético deve responder de maneira individual pelos seus atos. (CAMPBELL 1973)

As sociedades tradicionais e mais antigas não preparam o indivíduo para se tornar um cidadão preparado para opinar e fazer parte da construção da sua sociedade. Toda a mitologia dessas sociedades é baseada em criar um indivíduo que atue exatamente como seus antepassados atuaram na sociedade, como parte desse organismo, dessa tribo. Um exemplo é

a tradição de castas indianas, onde um indivíduo nascido em uma determinada casta deverá agir, se vestir, viver e pensar conforme a casta em que nasceu.

Em outras sociedades em diversas regiões do mundo, é comum o indivíduo jovem, quando está na puberdade, passar por um ritual que funciona como um teste de proações, onde ele é obrigado a se tornar um membro daquela sociedade, da forma como aquela sociedade deseja, ou será eliminado por ela. (CAMPBELL 2016).

5 O ENSINO:

5.1 A EPISTEMOLOGIA.

Na imagem criada pelo autor para facilitar o entendimento, foi-se dividido toda a questão em três blocos. O mundo psicológico apresenta as questões do consciente e inconsciente, que precisam estar em um certo acordo para que a mentalidade do indivíduo esteja harmonizada e dessa forma sua vida estar de acordo com o universo tal qual ele vê. O mundo mitológico que irá ser a projeção dos arquétipos do subconsciente no mundo material, onde tais figuras, deuses, demônios, criaturas ou até mesmo heróis, vilões e outros seres fantásticos representarão os arquétipos de uma maneira que o consciente consiga compreender e assimilá-los em sua vida. E por último o mundo material, que foi dividido entre o que é realmente o mundo (ou melhor, o universo tal como ele é) e a maneira como o ser humano enxerga o universo.

O foco deste tópico agora será esse último ponto, o que é a visão de mundo de uma pessoa, ou de uma determinada sociedade? Ao voltar para a segunda função da Mitologia segundo Joseph Campbell, que diz:

“A segunda função tem a ver com a imagem do mundo, o que eu chamo de função cosmológica. Ela muda radicalmente de tempos em tempos. Nas mais antigas sociedades caçadoras e coletores, tinham um horizonte relativamente pequeno e a Ciência era apenas do que era visível, em termos do mundo visível. O sol nascia e se punha, a lua surgia e se punha. Com Copérnico, tudo isso muda. O sol não está nascendo, nós que estamos girando. A cosmologia foi totalmente alterada. Cosmologia e Ciência mudam. Uma mitologia para estar atualizada e funcionar na mente das pessoas que vivem num mundo científico moderno precisa incorporar em si mesmo o mundo científico moderno” (CAMPBELL, 2000)

Thomas Kuhn começa seu estudo sobre a história da Ciência em “A estrutura das revoluções científicas” enfrentando a epistemologia e a definição tradicional de Ciência. Mostrará em seu texto que os modelos científicos são bastante movidos por crenças. Os paradigmas da Ciência, como a mecânica Newtoniana clássica, passaram anos sendo considerados reais, mesmo quando os primeiros experimentos surgiram negando a teoria.

Ele o conhecimento científico muito bem estabelecido e fundamentado é chamado de paradigma e o cientista irá usá-lo para criar todo o modelo de mundo e resolver todos os problemas. A crise surge quando acontece uma anomalia nesse modelo científico, o paradigma que é considerado real passa a não resolver certos problemas, e essa crise à certo

prazo ser abandonada aos poucos até aparecer uma teoria nova que englobe tudo da anterior mais aquilo que a teoria anterior não consegue explicar e então os cientistas passam a desenvolver uma crença nessa nova teoria e a comunidade volta para a situação normal.

Em seu tratado sobre as revoluções, ele dirá:

“Os exemplos mais óbvios de revoluções científicas são aqueles famosos episódios no desenvolvimento científico que foram chamados de revoluções. [...] Mais claramente que a maioria dos outros episódios na história, pelo menos da Ciência física, estes mostram sobre o que são as revoluções científicas [Copérnico, Newton, Lavoisier, e Einstein]. Cada um deles necessitou que a comunidade de uma honorável teoria científica em favor de uma incompatível com ela. Cada uma produziu uma mudança nos problemas avaliados pela minuciosidade científica e nos parâmetros que a profissão determina sobre o que deve ser contado como problema admissível e como legítima resolução do problema. E cada uma transformou a imaginação científica de maneiras que nós precisamos descrever como uma transformação dentro do mundo no qual o trabalho científico é feito. Tais mudanças, junto as controvérsias que quase sempre as acompanham, são as características definitivas de revoluções científicas.” (KUHN 1962 p.18)

Ciência é a visão humana de mundo do tópico anterior, seja ela como ou quando ela é aplicada. E comparando com as mitologias, pode-se fazer um rápido paralelo do que se deu ao longo dos anos na comunidade científica com o que se deu na história das religiões e do mundo num geral. Sempre houve um padrão, um paradigma que precisou ser quebrado, que durante a crise haverá uma enorme resistência à mudança.

Para Kuhn o modelo científico é mantido enquanto for útil para a comunidade científica. Se duas teorias rivais e incompatíveis forem comparadas, haverá jogos de interesses comunitários, poder de persuasão, influência de um sobre os demais cientistas e tudo isso vai definir qual delas será o novo paradigma da comunidade científica, ou seja, há dentro da Ciência mais do que pura racionalidade neutra.

Para Kuhn a Ciência é um ciclo, com repetidas crises e substituições de paradigmas. Aos poucos o paradigma começa a falhar em explicar determinados aspectos da natureza, criando anomalias. Os cientistas tentarão manter de todas as formas os paradigmas vigentes, adequando e modificando aos poucos a teoria para que ela continue valendo. Mesmo quando existem casos em que as falhas não são assimiladas pelo paradigma vigente, não será apenas isso que irá ser responsável por falseá-lo, primeiramente a anomalia é considerada um erro pela comunidade para depois se tornar uma descoberta. Somente quando essa falha é persistente na comunidade científica, é que o paradigma vigente começará a ser confrontado.

Para o físico e filósofo, a Ciência não está caminho da verdade ou de um fim, e sim construindo modelos, paradigmas que serão úteis à determinado momento. Durante os

chamados períodos de “ciência normal” esses paradigmas serão construídos e terão um desenvolvimento, até houver uma revolução científica que dará origem a um novo paradigma que explicará os modelos que o anterior não conseguia lidar. (KUHN 1962) (TOZZINI 2011)

A Ciência não tem um caráter apenas coletivo, mas de certa forma individualizado também. Há uma certa tendência inercial dos membros da comunidade científica defenderem o paradigma estabelecido por crença própria, antes mesmo da comunidade científica atuar.

A Ciência é o modelo que a humanidade usa para poder ver o mundo, a visão de mundo sendo o diagrama criado para esse trabalho. Porém, como estudado desde o começo desse trabalho, há uma influência entre os chamados mundos psicológico e mitológico com o que é visível. Retornando aos exemplos das sociedades primordiais, uma civilização caçadora vai ter uma visão de mundo, uma Mitologia e Psicologia diferente de uma sociedade coletora, por exemplo. Mas em vários exemplos da história, como foi exemplificado com a passagem das sociedades de caça e coleta para as civilizações que basearam sua estrutura na observação do céu noturno.

Não é um processo cirúrgico, nem a substituição de uma peça numa máquina. Mudar a visão de mundo de um indivíduo, seja criança ou adulto envolve garantir que ele tenha uma estrutura psicológica e mitológica que o sustente, pois caso não tenha, sua ação será ter uma visão de mundo que seja compatível com os outros dois mundos apresentados.

O mundo mitológico, o psicológico e a visão de mundo sempre serão compatíveis entre si. Não é possível desassociar estes três aspectos do homem, eles se influenciam e se mantêm estruturados como uma teia. O problema social, científico e educacional aparece quando este sistema está desassociado ao mundo contemporâneo. Cada uma das bilhões de pessoas no mundo, terá critérios bem pessoais sobre a visão de mundo e sobre a Mitologia, mesmo seguindo uma religião estabelecida pela sociedade, independentemente do que faça, sempre haverá uma pluralidade de visões de mundo e quanto mais o horizonte científico, social e humano é expandido, mais visões de mundo irão existir, mas da mesma forma que seria prejudicial ter um homem com a mentalidade de uma tribo coletora canibal no centro da cidade de São Paulo na era contemporânea pois ele seria incompatível com este mundo, também é incompatível ainda existirem pessoas que compartilham a mesma visão de mundo, como aqueles que defendem a planicidade da Terra em meio a era da informação.

Uma mudança de paradigma não é apenas uma mudança de opinião, uma estrutura inteira será abalada quando algo que se tornou não só cientificamente, mas moralmente e filosoficamente aceitável for desconstruído. Mesmo quando todas as provas deixam claro que o modelo anterior não funciona, alguns ainda relutam em mudar, não por conta de convicções

meramente científicas, mas porque há todo um sistema que se organizou naquela forma de pensar. As revoluções científicas nunca são “apenas” científicas, causam transformações em todos os campos sociais e até mesmo políticos.

Nos tópicos anteriores, a evolução da sociedade nos mostrou que a ciência sempre esteve presente, mesmo que sutilmente, dentro das religiões e mitos. Para a sua época, os mitos eram construídos em cima do que era “cientificamente” aceitos. A revolução científica que veio a partir de Copérnico, Kepler e Galileu, que tiraram a Terra do centro do universo conhecido destruindo um paradigma de mais de um milênio, foi um choque porque confrontava diretamente a visão dominante da igreja, além de toda a sua filosofia baseada na convicção da ciência e filosofia de Aristóteles.

Refutar um paradigma científico não é apenas uma questão de quantas provas se tem, mas o quão disposto a mudança está a comunidade, convencer alguém a mudar a crença científica não é só convencê-la de que tal campo científico está errado, mas que toda a sua estrutura de pensar, a maneira como vê e age no mundo não é mais adequada.

A pergunta que pode importunar uma mente após isso tudo é: como ensinar ciência? Como derrubar uma convicção que não está apenas fundamentada numa base teórica, mas numa base filosófica, moral e até mesmo religiosa?

A resposta talvez esteja na educação e como o tópico posterior mostrará, a educação dando ao aluno o mesmo sentido que a mitologia dava ao indivíduo nas sociedades mais antigas, a ideia de participação em seu mundo, sua sociedade, sua ciência e seu aprendizado.

5.2 O ALUNO COMO PROTAGONISTA NO ENSINO:

A educação tradicional, especialmente voltada ao ensino de ciências, trata a Ciência, a visão de mundo como algo cristalizado e inatingível, ignorando toda a rede de conexão entre o que foi chamado desse trabalho de visão de mundo e o mundo mitológico e psicológico.

A rigidez da educação de mercado, coloca o professor na condição de “aquele que martela o conteúdo na cabeça do aluno”. A função dele torna, tentar colocar de todas as formas um conhecimento cristalizado dentro dessa rede psicológica.

“Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero o objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos conteúdos-acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o falso

sujeito da “formação” do futuro objeto de meu ato formador. É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e reformar ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem forrar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém.” (FREIRE, 1996, pg. 13).

O ensino formal de ciências trabalha com uma realidade científica fixa, o professor ensina os fatos científicos utilizando o argumento de autoridade, muitas vezes sem dar ao aluno a chance de raciocinar e refletir sobre aquele assunto, sem essa chance ele não é capaz de estruturar a Ciência tal como a visão de mundo que ele enxerga a sua volta todos os dias, tornando mais fácil o processo inverso do ideal.

O ensino como instrução não considera que o aluno tem outro caráter psicológico, ético e aquela visão de mundo não se encaixa ao que ele está preparado para receber. É limitada pelas limitações de seu mundo psicológico e mitológico. Aquela Ciência ensinada, seja ela da maneira que for ensinada, não se encaixará se for apenas um conteúdo “martelado”.

O aluno, para aprender a fazer Ciência, deverá ser o protagonista do seu aprendizado, para que ele formule e reformule essa rede que interconecta toda a sua Psicologia ao seu mundo externo. Se o aluno participa da humanidade, com inteligência e relacionando seus conhecimentos com o mundo ele será humanizado, mas se o professor exigir que o estudante se adapte ao mundo, ele perderá a oportunidade de se humanizar. (FREIRE 1996).

Dessa forma, obrigando o aluno a se encaixar, a mentalidade dele é obrigada a se adaptar ao mundo apenas por causa do discurso de autoridade seja de seu professor, ou dos seus responsáveis, mas esse conhecimento petrificado pode ser facilmente descartado, pois a qualquer momento uma visão de mundo, mesmo que atrasada e infundada, se encaixe nessa rede mitológica e psicológica e se fixe ali proibindo o aluno de expandir seu horizonte.

Ele se torna dominado e subjugado por uma Ciência que se usa apenas da autoridade e se sente inferior a ela. A Ciência se torna inabalável, inquestionável e inatingível, tornando-a uma questão de crença, e dessa forma o aluno não verá diferença entre crer que, por exemplo, a Terra é esférica ou plana, mesmo que esta última seja incompatível com a civilização moderna.

Quando o aluno se torna protagonista autônomo de seu conhecimento, ele desenvolve seu próprio sentido crítico, e começará a se interessar pela investigação de toda a rede de relações que provocam um ou outro fenômeno. Ao ser humanizado, ao ter ética, como a

civilização contemporânea exige, ele investigará e atuará de forma única na sociedade e em seu meio e dessa forma, ele por si próprio, será o responsável por adaptar a sua mentalidade as suas investigações e conclusões. Os conhecimentos interferem no mundo e o mundo interfere no conhecimento. (FREIRE 1996).

O modelo escolar atual é arcaico, baseado no que foi chamado nesse trabalho de Mitologia tradicional. Na ideia de que um indivíduo só será adulto quando ele puder responder a todos os questionamento que lhe serão impostos durante sua vida com as mesmas respostas dadas por seus pais, avôs e outros antepassados. Porém, com uma ideologia um pouco diferente, voltada aos interesses do mercado.

No mundo atual, o aluno é construído durante o ensino médio para passar no vestibular. A escola imita uma fábrica, com seus horários, ponto, sinal, deveres e suas notas. O aluno vira sujeito numa relação de autoridade em que seu desempenho será julgado por um sistema no qual ele deva se encaixar da maneira que o professor deseja que ele se encaixe.

“O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos” (FREIRE, 1996 pag. 14).

O educador não se torna apenas “aquele que dá a aula”, mas aquele que irá crescer e aprender enquanto ajuda seus alunos a crescerem e se desenvolverem. Ele não deve ensinar ao aluno apenas o conteúdo, mas deve ensinar ao aluno pensar de forma certa, a transformar o conhecimento e participar dele.

Os três mundos mencionados nos tópicos anteriores, estão sempre interligados, caberá ao aluno quando este aprender e se tornar autorresponsável e desenvolver sua própria capacidade ética, a moldá-lo conforme o mundo for mudando e aquele conhecimento for se tornando inútil para o mundo contemporâneo. Ele lerá um livro, uma revista em quadrinhos,

assistirá a um filme e jogará um jogo ao mesmo tempo que relaciona essas experiências com o seu mundo, interiorizará os conhecimentos do mundo e externalizará as suas próprias compreensões, conseguindo adicionar todo o conhecimento que adquirir em sua rede.

Ao voltar no estudo de Kuhn, ele deixa claro que as visões de Ciência divergem, até mesmo entre os cientistas. Apesar de se acreditar, comumente, que existe apenas uma Ciência, ao se aprofundar, é perceptível que ela é mais diversa do que aparente. Cada um dos cientistas, pesquisadores e professores que faz parte da comunidade científica tem seu próprio sistema pessoal de crenças e sua própria visão de mundo, mesmo aqueles que podem defender uma determinada teoria científica terão uma visão diferente sobre essa teoria.

Dessa forma, esse sistema complexo difere na Ciência assim como difere na religião. Mesmo as pessoas que frequentam a mesma igreja cristã divergem sobre a maneira como eles irão relacionar a mitologia apresentada a eles com a visão de mundo e seu mundo psicológico. Cada indivíduo é um universo por si só, sendo autorresponsável diante dessa vastidão, a vida dele será guiada de forma única por ele mesmo, caberá ver o mundo, interagir, e conectar sua Mitologia, sua Psicologia e sua Ciência.

Não será moldado por um professor para se encaixar no sistema que o mercado exige, mas irá trabalhar suas próprias potencialidades. Externalizando a forma como incluiu seu conhecimento e desenvolverá sentido crítico para compreender e questionar o mundo a sua volta. (CAMPBELL 2008) (FREIRE 1996).

O estudo dos capítulos anteriores evidenciou as visões de Campbell sobre a Mitologia e mostrou que uma das funções da Mitologia é a pedagógica. Guiar o indivíduo harmonicamente pelas crises inevitáveis de sua dos diferentes estágios e situações de sua vida no mundo e época dele.

De nada adianta ou é útil que uma mitologia prepare um indivíduo para viver no primeiro século antes de Cristo se ele está na metrópole de São Paulo em dois mil e vinte. Com uma rede entre os três mundos citados, mundo material, psicológico e visão de mundo fixa, é bem provável que um indivíduo criado para viver num mundo bem anterior ao contemporâneo se sinta oprimido por sua visão a qualquer sinal de falha na maneira como vê o mundo. Se a Mitologia e a Psicologia do indivíduo do século XXI são voltadas para viver há mais de dois mil anos em uma sociedade onde a terra era o centro do universo e toda a filosofia, sociedade e cultura eram criadas em torno desta Ciência, ele tenderá ao discurso conspiratório, encaixará fatos a realidade por ele criada e tentará de todas as formas garantir que a sociedade seja uma sociedade na qual ele é adaptado para sobreviver, porque sua Psicologia é harmonizada naquele mundo.

Assim como a educação visada ao mercado falha quando trata o conhecimento como algo à parte do indivíduo. Desconectando o ensino de ciências de toda a rede psicológica e mitológica, o professor não é capaz de humanizar seu aluno, pois o está tratando como um computador a ser programado criando o operário ideal, mas o próprio mercado atual já não quer mais os operários.

Ao voltar para o estudo da quarta função da Mitologia, pode-se notar que o caráter pedagógico sempre esteve presente nas tradições de todo o mundo. A mitologia é uma fantasia, um jogo de faz de conta como o próprio Joseph Campbell enunciou e por sua própria visão, pode-se ampliar a definição de mitos. Desde histórias contadas sobre os grandes heróis da Grécia antiga até os jogos e filmes atuais entram em sua definição.

O mito é uma narrativa que conta uma certa história que irá justamente comunicar conosco de forma a tentar harmonizar a nossa Psicologia e relacioná-la com o mundo ao nosso redor. Em o Herói de Mil Faces, Joseph Campbell irá conceber o que ele chamou de “monomito”. Sua tese é de que os mitos seguem uma estrutura narrativa parecida a qual se dirige ao espectador para que ele inclua algumas lições em sua vida. (CAMPBELL 2007)

A jornada do herói, segundo o mitólogo, está presente em filmes, livros e toda a fantasia de antigos mitos, por isso ele o chamou “O Herói de Mil Faces”, pois a mesma jornada se repetindo em diferentes histórias e diferentes rostos, todas elas tentando relacionar a humanidade algo ao seu psicológico pessoal.

O monomito é um ciclo que passa pelo mundo comum e por um mundo especial. O herói segue sua vida normal pelo mundo comum, até que algo o chama para uma aventura, por algum motivo, o herói recebe algo ou necessita sair de seu mundo normal, ele pode recusar ou aceitar esse convite para a aventura, não importa, algo o empurrará. Assim que começar sua aventura ele irá receber ajuda de algum mestre, mago ou ancião que o dará uma arma ou conselho para que ele inicie a sua aventura.

O herói é obrigado a atravessar o limiar entre o mundo que até então era salvo e o novo mundo no qual ele terá sua aventura. Logo após vem o caminho de provas, onde o herói enfrentará monstros, demônios e seja lá o que for. Então ele se aproxima de um desafio que o destruirá psicologicamente (e possivelmente fisicamente), o herói morrerá, de certa forma pois ele irá falhar, será derrotado por seu pior medo e depois dessa crise ele renascerá.

O herói renascido irá enfrentar o monstro que o derrotou e dessa vez vencerá e como resultado ele reivindicará um tesouro, reconhecimento ou poder. Depois o herói voltará do mundo misterioso para o mundo normal e terá uma nova vida, pois a aventura mudou o herói, sua vida anterior é sobreposta e ele retorna a uma vida normal, porém essa vida normal é

diferente da vida normal que ele tinha antes da aventura, ela é melhorada e evoluída e ele pode simplesmente seguir a uma nova aventura. (CAMPBELL 2007)

Estes mitos são as representações no mundo mitológico da Psicologia humana. De acordo com Campbell, diariamente as pessoas são levadas a seguir a trilha do herói para harmonizar seu consciente com o inconsciente. Para o mitólogo, essa é a jornada em direção ao subconsciente e cada herói ou monstro da jornada é uma figura que representará um arquétipo individual ou coletivo e a função dela, metaforicamente falando, é tirar uma pessoa de sua condição de conforto e levá-la a uma nova vida em que seus aspectos psicológicos serão harmonizados.

Esta é a função pedagógica da Mitologia. É a partir dessa harmonização que o indivíduo vinculará a visão de mundo com seu mundo psicológico e ela pode ser utilizada para vincular o aluno às diferentes visões de mundo que a Ciência pode apresentar.

Como mencionado nesse trabalho, a visão de mundo é fundamental na formação da Mitologia, com a psique estruturada o indivíduo relacionará seu subconsciente com o consciente ligando o mundo dentro de sua mente com o mundo dos seus olhos, o mundo científico e o mundo psicológico. Como a Ciência das escolas é ensinada como dogmas, o aluno passa a ter que lidar com um conflito do que ele aprende na escola do lado científico e aquilo que aprende em casa, ou na religião que sua família está inserida.

A escola tradicional possui um caráter puramente baseado na ideia de que o professor precisa ser autoritário, e o incentivo aos alunos se dá pelo menos constante do fracasso que virá com as notas vermelhas no boletim. (FREIRE 1996). O discurso de autoridade vale-se sobre qualquer pesquisa própria. Na realidade, a autonomia do aluno não é desenvolvida, o que faz com que o indivíduo busque sempre autoridades com discursos convincentes para poder seguir, ao invés de tentar testar os argumentos que escuta.

Lembrando que, segundo o próprio Joseph Campbell, não há conflito nenhum entre Mitologia e Ciência, o conflito é entre a Ciência contemporânea e a Ciência dos séculos anteriores a Cristo, as quais a Mitologia se insiste em estar agarrada. (CAMPBELL 2016).

Fantasia, Mitologia proporciona algo para o indivíduo, participação num jogo. A participação dá a ele a sensação de participação. No ensino tradicional, o aluno é o objeto de ensino, ele não participa do conhecimento e de seu desenvolvimento, apenas o “absorve”, porém, mesmo em uma mitologia que seja baseada numa Ciência antiga ou mesmo em uma teoria da conspiração envolvendo os governos do mundo todo.

Para que a educação científica comece a funcionar de forma a dar a autonomia ao estudante, ao invés de tirá-la, ela precisaria colocá-lo na condição de protagonista do seu próprio conhecimento.

O que se mostra antagônico é a educação para a convicção e para a participação, um professor através de sua autoridade pode fazer um aluno a se convencer a escrever numa prova a resposta que é esperada que ele escreva. Pode tirar nota naquela prova, mas o conhecimento não é adquirido dessa forma, convicções sim. A ideia de colocá-lo como protagonista é fazê-lo entender o método científico, fazê-lo questionar, duvidar e ir atrás das respostas e quando encontrá-las estar disposto a mudar.

5.3 A MITOLOGIA DO AGORA E A FANTASIA NO ENSINO:

“Todas as linhas de comunicação entre as zonas consciente e inconsciente da psique humana foram cortadas e fomos divididos em dois.

A tarefa do herói, a ser compreendida hoje, não é a mesma do século de Galileu. Onde então havia trevas, hoje há a luz; mas é igualmente verdadeiro que, onde havia luz, hoje há trevas. A moderna tarefa do herói deve configurar-se como uma busca destinada a trazer outra vez à luz a Atlântica perdida da alma coordenada.

Evidentemente esse trabalho não pode ser realizado negando-se ou descartando-se aquilo que tem sido alcançado pela revolução moderna; pois o problema não é senão o de tornar o mundo moderno espiritualmente significativo — ou (enunciando esse mesmo princípio de forma inversa) pode possibilitar que homens e mulheres alcancem a plena maturidade humana por intermédio das condições da vida contemporânea. Na verdade, essas condições são, elas mesmas, aquilo que tornou as antigas fórmulas ineficazes, ilusórias e mesmo perniciosas. Nos nossos dias, a comunidade é o planeta e não a nações com seus limites; eis por que os padrões da agressão projetada, que antes serviam para coordenar o grupo voltado para si mesmo, hoje podem apenas dividi-lo em facções. A ideia de nação, com a bandeira servindo de totem, serve hoje de elemento engrandecedor do ego infantil, e não de elemento aniquilador da situação infantil.” (CAMPBELL 2013, pg. 373)

Nessas palavras do último tópico do último capítulo de “O Herói de Mil Faces”, o Professor Campbell planta a semente da Mitologia moderna em seus leitores. A sociedade contemporânea é secular, a religião perdeu força pois ficou presa a visão de mundo arcaica, enquanto as funções mais importantes com relação ao rumo do Estado passaram das mãos dos deuses para o povo. O mundo é globalizado, e há pouco que a sociedade faz para planejar o aluno para viver numa era onde o indivíduo autônomo, crítico, ético deve enfrentar os deuses punitivos de sua Psicologia pessoal. Não se espera dele que responda a tudo com um slogan ou da mesma forma que seus pais e antepassados respondiam.

Para que a educação possa trabalhar como uma ferramenta que tenha uma missão muito maior do que a simples instrução do aluno. Na autonomia, o próprio aluno crítico se torna protagonista do conhecimento e como protagonista de uma história.

Ao analisarmos o entretenimento contemporâneo, encontra-se grandes épicos e obras que atravessam gerações e atingem públicos imensos de diversos povos em diversas localidades. Esses mitos modernos se dão na forma de livros, filmes, jogos eletrônicos, quadrinhos e jogos de mesa que significam algo além de simples entretenimento.

Em convenções e eventos do chamado mundo Geek em todo o globo, as pessoas fazem cosplays de seus personagens favoritos, uma brincadeira de faz de conta, mas que remonta a ser uma máscara como as que os antigos sacerdotes usavam para simbolizar os deuses descritas nos primeiros tópicos deste trabalho.

Esses mitos são contemporâneos e realizam de todas as formas as tarefas que os antigos mitos estão fracassando em atingir. Cumprindo a função de relacionar o indivíduo com a sociedade global em que vive a maneira como ela se organiza.

O ensino deve acompanhar a era da informação, preparar o indivíduo para viver no século atual. Algumas das formas de aprendizado que vem se desenvolvendo envolvem inserir dentro do contexto do entretenimento.

Nos anos mais recentes, novas formas de ensino tentam e tentaram substituir o ensino tradicional voltado a formação para o mercado. De tal forma, surgiram métodos que tentam aos poucos introduzir a fantasia e jogos como instrumentos de ensino na sala de aula e fora dela.

O RPG (Role playing game) ou jogo de interpretação de personagens, vem sido colocado por alguns professores como um material plausível de se tornar parte de conteúdo educativo. O jogo, em todos os sentidos imita um mito, que é construído enquanto os jogadores estão jogando. E ao explorar esse mundo completamente fictício, os jogadores devem confrontar questões pessoais, pois deverão trabalhar em grupo, lidar com escolhas, tomar decisões e ao mesmo tempo podem ter um caráter completamente educativo, já que os testes e situações apresentadas podem envolver conteúdos didáticos, ou até mesmo ensinamentos que podem acontecer durante o jogo.

O RPG apresenta um mundo mitológico, o qual o jogador irá inserir um personagem criado por ele e dessa forma irá se inserir no jogo. O jogador acaba se tornando um herói de um mito que será criado num mundo de faz de conta, ele será representado pelo seu personagem e agirá como determinar. Dentro desse contexto, o mito do RPG já irá cumprir a primeira função da Mitologia e dará ao jogador a sensação de participação e terá uma função social, já que o jogador terá que se relacionar com os outros membros, cumprindo as regras estabelecidas pelo jogo.

A jornada do herói cumpre uma função pedagógica dentro do RPG, já que o jogador, ao seguir por seus passos, aprenderá a lidar com as diferentes e inevitáveis situações pelas quais passará em sua vida. De acordo com a pesquisadora Guimarães (2010) em sua tese que relacionou o RPG a jornada de herói chegou à conclusão de que:

“Através dessas conclusões, a pesquisadora vê o RPG como uma possível via para averiguar em qual etapa da jornada heroica determinado indivíduo se encontra, o que indica a possibilidade de uma futura pesquisa a respeito do RPG como um instrumento de psicodiagnóstico.

Como cada tipo de jogo estimula até certa etapa da jornada heroica, a pesquisadora percebe também, a possibilidade de um estudo acerca do RPG como instrumento terapêutico. Após inferir em qual etapa da saga o indivíduo se encontra, parece ser possível utilizar o próprio RPG como potencializador da referida etapa.”

(Guimarães 2010, pg. 162)

O RPG não é um jogo abstrato e cristalizado como o conhecimento passado na forma de instrução. O indivíduo insere sua Psicologia no jogo ela moldará o mundo mitológico do indivíduo e a Psicologia do indivíduo mudará a história do jogo. Mantendo a ligação entre o mundo psicológico e o mundo mitológico.

Dessa forma, dentro do RPG pode-se introduzir conceitos que expandam o mundo visível de um aluno. De certa forma, os jogos modernos já se preocupam em fazer isso, adicionando personagens de diferentes tipos, personalidades, gêneros, orientações e credos.

Em sua tese sobre o uso de RPG no ensino de ciências no fundamental, o autor Marins (2017) usa montou um estudo em sua sala de aula, tentando usar uma forma de RPG adaptada para tentar ensinar e avaliar conteúdos interdisciplinares com uma turma de ensino fundamental.

O objetivo não era meramente a instrução como no ensino tradicional, mas sim aproximar os colegas de turma, ensiná-los a terem autonomia e a serem protagonistas do seu próprio conhecimento. E em seu trabalho ele conclui:

“Ao analisar e interpretar todos os dados coletados é possível concluir que houve melhora no aprendizado de ciências, por meio da experiência com o uso do RPG como uma atividade voluntária e complementar às aulas, para o ensino de ciências.

Os alunos demonstraram aprender de forma prazerosa, não foi percebido neles, a quebra de ludicidade pela inserção dos conteúdos de ciências durante as sessões de RPG. Portanto o contato dos alunos com conteúdo de ciências, por meio desta metodologia, foi positivo, favorecendo ao aprendizado destes jovens, principalmente na área de ciências.” (MARINS, 2017, pg. 99).

O aluno pode se tornar autônomo, incluído, sociável e empático em um único jogo, enquanto aprende um conteúdo disciplinar. Se tornando protagonista do conhecimento que agora não é mais algo cristalizado e sim parte de uma atividade.

Não existe uma forma de padrão mitológico para se definir como deve ser uma Mitologia, ela é construída pelos poetas, artistas, criadores e autores de sua geração e em constante mudança, refere-se aos temas e problemas de sua geração, não há uma Mitologia pronta, há a constante renovação dos temas e introdução de novas metáforas, ou até mesmo os temas originais da Mitologia reintroduzidos de maneira nova. (CAMPBELL 2016)

O século XXI traz uma nova oportunidade às mitologias, interconectando o mundo todo e tentando torná-las mais abrangentes, fazendo-as alcançarem cada vez mais realidades e se espalharem para diferentes culturas, tornando-as algo mais pessoal.

Campbell uma vez utilizou uma metáfora baseado no canguru australiano. A mitologia é um segundo útero, na qual um indivíduo é nutrido, cresce, aprende e depois sai desse útero ele teria que andar sem ele, mas é claro que sua vida seria toda formada a partir dele. (CAMPBELL 2016)

No momento em que a sociedade se encontra na era informação, mas que ao mesmo tempo que crescem o obscurantismo e a ameaça de repressão, surgem as ideias criativas que podem ajudar a moldar e amparar os homens e mulheres nesse futuro incerto. O aluno pode se tornar protagonista no ensino, ao invés de peça numa linha de montagem que o levará até o mercado e dessa forma se tornar subserviente ao sistema. (CAMPBELL 2016) (FREIRE 1996).

“Não é a sociedade que deve orientar e salva o herói criativo; deve-se ocorrer precisamente o contrário. Dessa maneira, todos compartilhamos da suprema provação — todos carregamos a cruz do redentor —, não nos momentos brilhantes das grandes vitórias da tribo, mas nos silêncios de nosso próprio desespero.” (CAMPBELL 2013, pg. 376)

Participação é a base da mitologia, o indivíduo presente em uma mitologia participa de seus rituais, reza para seus deuses, participa de cerimônias, mas como o próprio Campbell afirmava, não é necessário grandes rituais, religiões ou eventos para que se tenha uma mitologia, um ritual pode ser qualquer evento da vida de alguém, até coisas simples como o almoço ou estar com os amigos.

Transformar o aluno em herói de sua história é transformá-lo num indivíduo pronto para lidar com a sociedade contemporânea. Como visto no capítulo sobre as raízes da forma de pensar, a sociedade atual, não só filosoficamente, mas moralmente e politicamente exige um ser humano criado que faça algo diferente das sociedades anteriores. Na democracia, as leis

dos deuses não guiam a vida da polis, pois as leis da sociedade não pode ser eterna, o que é válido, comum e correto hoje pode não ter sido considerado assim há dez anos e pode não ser mais considerado assim daqui a dez anos. Portanto não há lugar para moralidade natural ou divina.

6 CONCLUSÃO

Quando um ser humano se guia pela sua vida, o conhecimento que adquiriu se torna parte integrante de sua vida. A mente de um indivíduo é um universo interligado por si só, e não é possível alterar um único elo dessa teia sem causar mudanças na cadeia toda.

A Ciência, a Mitologia e a psiquê estão interligadas como parte de um todo humano. A visão de mundo interfere na interpretação do mundo e dessa forma interfere na maneira como o indivíduo tenta harmonizar sua própria estrutura interna e externa.

Nas civilizações antigas, a Mitologia realizava o papel de guia, de instrução social e científica e ao mesmo tempo de participação do indivíduo na sociedade. Hoje o mundo mudou, a Ciência mudou, a sociedade mudou e a forma como as pessoas vivem em sociedade mudou, mas a Mitologia se manteve presa ao passado, enquanto a educação tradicional tornou o conhecimento mera instrução e memorização.

Nos anos que se sucederam a criação de uma escola tradicional, o ensino se tornou algo pouco participativo. O que distanciou o aluno do conhecimento, tornando-o algo difícil e inatingível. O aluno aprende por convicção, sua vida pessoal é distante de qualquer cientista, ele a usa apenas para ir bem numa prova.

A cristalização da Ciência e do conhecimento gerou um distanciamento da pessoa pela Ciência. A falta de experiência não pôde ser compensada pelo uso excessivo do discurso de autoridade e do sistema de punição e a mente do aluno tenderá a se manter psicologicamente e não conseguirá encaixar aquele “corpo estranho” na sua vida e como todo o corpo estranho que não está integrado, ele tenderá a tentar expulsá-lo em troca de algo que faça sentido dentro de sua Psicologia pessoal.

O professor passa a ter a responsabilidade de “martelar” o conhecimento que ele precisa ensinar dentro de um conjunto que irá rejeitá-lo. O conhecimento aprendido acaba ficando na memória, mas não é integrado. Se torna apenas uma instrução a ser memorizada, avaliada e depois esquecida.

A chave pela qual a Mitologia é tão abrangente, é porque fornece ao indivíduo a oportunidade de participação nos mistérios além de sua compreensão. Tudo isso dentro do campo científico mais atual para aquelas que pessoas na qual ela se dirige. Dando a elas a chance de participarem da comunidade, da Ciência e do universo.

A educação científica para atuar na mente das pessoas deve seguir o mesmo princípio de participação. Dando ao aluno a chance não só de aprender, mas também a chance de construir seu próprio conhecimento.

O conhecimento construído pelo próprio aluno que lhe dá a chance de entender e construir uma visão de mundo, o moldará e continuará guiando-o a construir seu conhecimento pelo resto de sua vida e ao longo das diferentes situações de sua vida.

A Ciência é algo sempre em expansão, o conhecimento atravessa novas fronteiras todos os dias. O que se é ensinado na escola jamais vai refletir o que se é aprendido no mesmo período nos grandes laboratórios de Ciência. E quanto mais o horizonte do conhecimento se expande, maior é a sua circunferência e sua fronteira com aquilo que a humanidade não conhece. Por isso, mais importante do que se passar o conhecimento, torna-se importante ensinar a autonomia para buscá-lo de maneira eficaz.

Como o próprio buscador do conhecimento, o indivíduo autônomo poderá integrar aquele conhecimento à sua vida. Conectando-o com as diferentes maneiras que sua Psicologia pessoal aborda cada tipo de “mundo” criado e citado nesse trabalho. Ao integrar novo conhecimento, o indivíduo passa a ter responsabilidade e participação.

A grande estratégia abordada pelos grupos conspiratórios, extremistas, reacionários e fundamentalistas da modernidade enfocam no fato de que diferentemente da educação tradicional e a maior parte das instituições do Estado, produção científicas é que esses movimentos se apresentam como uma “pseudo-mitologia” mascarando uma ideologia que abre margem a ser participativa, mesmo que excludente a outros povos e grupos. Os defensores da conspiração da terra plana, por exemplo, acreditam que eles são aqueles que possuem o conhecimento ocultado a eles pelos governos e comunidades científicas, que estão cristalizados e não os tocam de maneira alguma, dando a essas pessoas a chance de participar de algo.

A estratégia da participação não deve ser exclusiva de movimentos desse cunho, em plena era da informação, as pessoas estão cada vez mais atomizadas em suas bolhas de conhecimento, distantes umas das outras e sedentos pela participação em algo que lhes dê algum sentido importância da sua existência, ou mesmo da falta dela, não só na sociedade, mas também no universo como um todo.

A ciência pode ser participativa se a escola toda for participativa, o ensino se tornando algo próprio contribuirá para a criação de indivíduos, tais como mencionados nos tópicos anteriores, viverão para a sociedade do século XXI, questionando, aprendendo por si mesmos e assimilando toda a informação que obtém por meio das mídias que têm contato. O ensinar ciência será ensinar a aplicar o método científico nas informações que recebe, tentando se convencer por argumentos sólidos e não por argumentos que aparentam alguma veracidade.

Participar da ciência, também lhe dará a chance de participar do desenvolvimento não só dela, mas da sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

[1] Disponível em: <https://jornalggn.com.br/ciencia/instituto-liberal-pede-desculpas-por-enquadrar-fisica-quantica-como-instrumento-marxista/> Acesso em: 08 de Mar. De 2021

[2] Disponível em: <https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rsos.160328> Acesso em: 08 de Mar. De 2021

[3] Disponível em: <https://www.nature.com/articles/092319a0.pdf> Acesso em: 08 de Mar. De 2021

[4] Disponível em:
https://www2.clarku.edu/faculty/djoyce/piltdown/map_expose/solution_piltdownman.html
Acesso em: 08 de Mar. De 2021

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento 2007.
- CAMPBELL, Joseph. **Deusas: os mistérios do divino feminino**. 2. ed. São Paulo: Pallas Athena, 2015.
- Campbell, Joseph. **O poder do mito: Joseph Campbell com Bill Moyers**. 31. ed. São Paulo: Pallas Athena, 2016.
- Campbell, Joseph. **Mito e transformação**. São Paulo: Ágora, 2018.
- Campbell, Joseph. **Máscaras de deus v. 1: mitologia primitiva**. São Paulo: Pallas Athena.
- Campbell, Joseph. **Máscaras de deus v. 2: mitologia oriental**. São Paulo: Pallas Athena.
- Silveira, Nisa da. **Jung: vida e obra**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- Kuhn, Thomas S. **The Structure of Scientific Revolutions**. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.
- Frazer, James George. **O Ramo de Ouro** Versão ilustrada. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982.
- Selin, Helaine et. Al. **Science across cultures: The history of non-western science**. Volume 1 Astronomy across cultures. 1ª ed. Alemanha: Springer-Science+Business media, B.V, 2000.
- Freire, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GUIMARÃES, Paula Pinheiro Varela: **Sagas de rpgistas: um estudo junguiano acerca do encontro com o herói via Role Playing Games**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo. 2010.
- MARINS, Eleasar Silva. **O uso de Role-Playing Game (RPG) no ensino de Ciências: uma atividade voluntária e complementar às aulas no Ensino Fundamental II**. Dissertação de Mestrado em Ciências. Faculdade de Engenharia Química. Universidade de São Paulo. Lorena 2017.
- TOZZINI, Daniel Laskowski. **Objetividade e racionalidade na filosofia da ciência de Thomas Kuhn**. Dissertação de Mestrado em Filosofia. Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFP, 2011.